

Bordar los Sentidos

Bordado, Arte y Acción Política

Cinthia Itatí Gabriela Minuazzo

Foz do Iguaçu
2022

BORDAR LOS SENTIDOS
BORDADO, ARTE Y ACCIÓN POLÍTICA

CINTHIA ITATÍ GABRIELA MINUZZO

Foz do Iguaçu
2022

BORDAR LOS SENTIDOS
BORDADO, ARTE Y ACCIÓN POLÍTICA

CINTHIA ITATÍ GABRIELA MINUZZO

Trabajo de Conclusión de Curso presentado al Instituto Latinoamericano de Arte, Cultura e Historia de la Universidad Federal de la Integración Latinoamericana, como requisito parcial para la obtención del título de Bacharel en Mediación Cultural – Artes y Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Angelene Lazzareti

Foz do Iguaçu
2022

CINTHIA ITATÍ GABRIELA MINUZZO

BORDAR LOS SENTIDOS

BORDADO, ARTE Y ACCIÓN POLÍTICA

Trabajo de Conclusión de Curso presentado al Instituto Latinoamericano de Arte, Cultura e Historia de la Universidad Federal de la Integración Latinoamericana, como requisito parcial para la obtención del título de Bacharel en Mediación Cultural – Artes y Letras.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Angelene Lazzareti
UNILA

Profa. Dra. Cristiane Checchia
UNILA

Prof. Dr. Fabio Guilherme Salvatti
UNILA

Foz do Iguaçu, 24 de março de 2022.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): Cinthia Itatí Gabriela Minuzzo

Curso: Mediação Cultural - Artes e Letras

	Tipo de Documento
(x) graduação	(.....) artigo
(.....) especialização	(x) trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	(.....) monografia
(.....) doutorado	(.....) dissertação
	(.....) tese
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais
	(.....)

Título do trabalho acadêmico: BORDAR LOS SENTIDOS: BORDADO, ARTE Y ACCIÓN POLÍTICA

Nome do orientador(a): Profa. Dra. Angelene Lazzareti

Data da Defesa: 24/03/2022

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 3.0 Unported*.

Foz do Iguaçu, 24 de março de 2022.



Assinatura do Responsável

AGRADECIMIENTOS

Agradezco a mi orientadora, Angelene, por aceptar orientarme y guiarme durante todo este proceso, incentivándome y acompañándome como una amiga. Por las experiencias compartidas y las experimentaciones artísticas en clase y en el proyecto de investigación. Gracias Angi por mostrarnos otras formas de expresar nuestro ser. Gracias por el ENTRE.

A mi familia, a mi mamá Graciela y a mi papá Jorge, por apoyarme en todo momento, acompañarme y celebrar cada conquista mía. Sin ellos no estaría acá.

A Anael por el apoyo y compañía, y por ser el fotógrafo de mis obras.

A mis amigas y amigos de curso, Ana Clara, Matias, Isabel y Rocío, por las charlas, los mates y tereres en los recreos, y demás momentos compartidos. Por la ayuda, soporte y contención. Gracias por permitirme ser parte de sus vidas durante estos años.

A Matias agradezco también por la ayuda en la revisión y corrección de esta tesis.

Al proyecto UNILA y a cada una de las personas que hacen parte y que en algún momento cruzaron mi camino, gracias por cada experiencia compartida.

A Lenira y Analía, por cederme un espacio de su tiempo para compartir sus experiencias, sin ellas esta tesis estaría incompleta.

A la profesora Cristiane Checchia, por todos estos años de enseñanza y por orientarme en un primer momento, cuando no sabía muy bien por cual camino partir para hacer esta tesis.

A la profesora Cristiane Checchia y al profesor Fabio Salvatti, por aceptar ser la banca examinadora de este trabajo.

A única certeza que seguro nas mãos é a linha que costuro, que me liga umbilicalmente ao mundo. Aprimorar a ótica tátil. Olho que mergulha o mundo com corpo todo.
- **Edith Derdyk**

MINUZZO, Cinthia Itatí Gabriela. Bordar los sentidos: bordado, arte y acción política. 2022. 91 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Mediação Cultural, Artes e Letras) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022.

RESUMEN

En diálogo con diferentes artistas y colectivos del bordado, esta investigación propone reflexiones acerca del papel del bordado en el mundo del arte y en la sociedad, y cómo éste pasa de la domesticidad considerado como artesanía a ser utilizado como elemento artístico de lucha en lo colectivo. El trabajo trae reflexiones internas a través de procesos creativos de la autora, que busca encontrarse como artista y depurar a través de la obra bordada sus emociones. La acompañan en este recorrido, Juliana Padilha de Sousa, Valentina Castillo Mora, Linda Nochlin, entre otras autoras, al realizar un panorama histórico, enfocándose en cuestiones sociales y feministas en las que el bordado es el principal elemento de visibilización política.

Palabras clave: bordado; arte; acción política; colectivos; craftivismo.

MINUZZO, Cinthia Itatí Gabriela. Bordar os sentidos: bordado, arte e ação política. 2022. 91 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Mediação Cultural, Artes e Letras) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022.

RESUMO

Em diálogo com diferentes artistas e coletivos de bordado, esta pesquisa propõe reflexões sobre o papel do bordado no mundo da arte e na sociedade, e como este passa da domesticidade considerado como artesanato para ser utilizado como elemento artístico de luta coletiva. A obra traz reflexões internas através dos processos criativos da autora, que busca se encontrar como artista e purgar suas emoções através da obra bordada. Acompanham nesta jornada Juliana Padilha de Sousa, Valentina Castillo Mora, Linda Nochlin, entre outras autoras, realizando um panorama histórico, com foco nas questões sociais e feministas, nas quais o bordado é o principal elemento de visibilidade política.

Palavras-chave: bordado; arte; ação política; coletivos; craftivismo.

MINUZZO, Cinthia Itatí Gabriela. Embroidering the senses: embroidery, art and political action. 2022. 91 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Mediação Cultural, Artes e Letras) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022.

ABSTRACT

In dialogue with different artists and embroidery groups, this research proposes reflections on the role of embroidery in the art world and in society, and how it goes from domesticity considered as a craft to being used as an artistic element of collective struggle. The work brings internal reflections through the creative processes of the author, who seeks to find herself as an artist and purge her emotions through the embroidered work. She is accompanied on this journey by Juliana Padilha de Sousa, Valentina Castillo Mora, and Linda Nochlin, among other authors, as they make a historical panorama, focusing on social and feminist issues in which embroidery is the main element of political visibility.

Key words: embroidery; art; political action; collectives; craftivism.

LISTA DE IMÁGENES

Imagen 1 – Mãe-Natureza, de Gabriela Minuzzo	16
Imagen 2 – Patria, de Gabriela Minuzzo	17
Imagen 3 – Cama, de Gabriela Minuzzo	18
Imagen 4 – WaColetivo	20
Imagen 5 – WaColetivo	20
Imagen 6 – WaColetivo	21
Imagen 7 – WaColetivo	22
Imagen 8 – Foto Bordado de Vitória de Campos Vieira	23
Imagen 9 – Foto Bordado de Sophia Ruiz González	24
Imagen 10 – Foto Bordado de Sara Pacheco Beltrán	24
Imagen 11 – Foto Bordado de Sophia Ruiz González	25
Imagen 12 – Cuerpo, de Angi Lazzaretti	26
Imagen 13 – Cuerpo, de Lara Sorbille	27
Imagen 14 – Cuerpo, de Cabocla João	27
Imagen 15 – Cuerpo, de Leticia Abraão	28
Imagen 16 – Cuerpo, de Ana Clara Fank	28
Imagen 17 – Cuerpo, de Gabriela Minuzzo	29
Imagen 18 – Tanque rosa, Marianne Jørgensen	35
Imagen 19 – Mujer, eres hermosa, de Victoria Villasana	36
Imagen 20 – Oficina de Bordados “Linha Vital” da Fiocruz	36
Imagen 21 – Oficina de Bordados “Linha Vital” da Fiocruz	37
Imagen 22 – Choro	39
Imagen 23 – Choro	39
Imagen 24 – Bordado con cabello de Jayoung Yoon	47
Imagen 25 – Bordado con cabello de Jayoung Yoon	48
Imagen 26 – Cansancio	50
Imagen 27 – Cansancio	51
Imagen 28 – Cansancio	51
Imagen 29 – Colectivo Dora Morgen	54

Imagen 30 – Colectivo Dora Morgen	54
Imagen 31 – Colectivo Dora Morgen	55
Imagen 32 – Colectivo Dora Morgen	55
Imagen 33 – Colectivo Dora Morgen	55
Imagen 34 – Coletivo Linhas de Sampa	59
Imagen 35 – Coletivo Linhas de Sampa	59
Imagen 36 – Coletivo Linhas de Sampa	59
Imagen 37 – Coletivo Linhas de Sampa	60
Imagen 38 – Coletivo Linhas de Sampa	61
Imagen 39 – Coletivo Linhas de Sampa	61
Imagen 40 – Venas	65
Imagen 41 – Venas	66
Imagen 42 – Venas	67

SUMÁRIO

1 INTRODUCCIÓN	14
2 PRIMERA PARTE: PREPARANDO EL LIENZO	32
2.1 UNA PEQUEÑA PAUSA PARA BORDAR	38
3 UNA PUNTADA CREATIVA - EL BORDADO COMO ARTE	40
3.1 UNA PEQUEÑA PAUSA PARA BORDAR	46
4 UNA PUNTADA POLÍTICA - BORDANDO EN LO COLECTIVO	52
4.1 UNA ULTIMA PAUSA PARA BORDAR	64
5 REFERÊNCIAS	69
ANEXOS	71
ANEXO A – ENTREVISTAS	72
ENTREVISTA ANÁLIA GAGUIN	72
ENTREVISTA LENIRA MACHADO	83

1 INTRODUCCIÓN

Desde chica siempre tuve interés por el mundo del arte y de las manualidades, recuerdo siempre estar inventando algo para hacer con mis propias manos, desde decorar una simple caja a coser ropa para muñecas, decorar cuadernos o hacerlos desde cero. También siempre tuve interés por el mundo de la costura, herencia de mi abuela paterna, siempre la veía coser ropas para la familia y para otras personas, era modista. El crochet y el tejido a dos agujas también hacen parte del recuerdo de mi abuela, aunque nunca aprendí estas técnicas con ella, quien me enseñó un poco de lo que sabía sobre crochet y tejido a dos agujas fue mi mamá, de ahí mi primer contacto real con hilos y agujas, un poco diferentes a las del bordado pero, en fin, un primer contacto.

En la época de la escuela siempre aprovechaba la más mínima oportunidad para participar de actividades artísticas, que eran pocas, más bien escasas, en clases de disciplinas artísticas precarias. Pero tratando de aprender algo de todos modos, participando en todas las presentaciones teatrales que organizábamos para los actos patrios y de fin de año, soñando con ser actriz.

A medida que fui creciendo siguió el interés por el mundo de las artes. Pensé en un momento estudiar la carrera de profesorado en Artes Plásticas, pero terminé yendo por otro camino, el de la enseñanza de idiomas. Hasta que en 2016 conocí el proyecto de la Unila y el curso de Letras, Artes y Mediación Cultural, del cual quedé encantada. La propuesta de un curso interdisciplinar que abarcaba desde el teatro, la performance, dirección de arte, literatura y otras disciplinas del mundo de las artes, me fascinó.

En 2017 ya estaba en Foz do Iguaçu, lista para ser parte de aquel curso único - que ahora pasó a llamarse Mediación Cultural- Artes y Letras. Los dos primeros años traté de aprovechar al máximo la universidad, y sus propuestas extracurriculares, como proyectos de extensión, y proyectos independientes de otros estudiantes relacionados al mundo del arte. Participé de un grupo de danza contemporánea llamado “Praia do Futuro” dirigido por Andrés Testagrossa, en 2017. En 2018, realicé el curso de Iniciación Teatral, del colectivo teatral Cote’coi, dirigido en ese momento por el estudiante Thiago Turcatti y coordinado por el director teatral André Macedo. Traté, en esa misma dirección, de adelantar las disciplinas obligatorias del área artística de la carrera y

participé de otras disciplinas optativas.

A mediados del 2018 atravesando un momento difícil a nivel psicológico, me encontré con el bordado, de forma intuitiva y experimental. No sabía prácticamente nada de la técnica, recordaba algo de las puntadas de costura que aprendí cuando era chica y viendo algunos tutoriales en youtube empecé a bordar, pero en vez de la tela, el papel era mi lienzo.

Con el bordado sobre papel surgió la idea de hacer encuadernación artesanal y bordar las tapas. Al bordar y encuadernar por fin pude decir que me encontré, sentí que era algo en lo que podía ser buena. Fui aprendiendo algunas técnicas y otras descubriendo de forma intuitiva, pero siempre pensándolo como un proceso artesanal y no artístico. Hasta que en 2019, en el primer semestre, cursé la disciplina obligatoria Estéticas Contemporáneas, a cargo de la profesora Gabriela Canale Miola y como trabajo final debía realizar una obra de arte con técnicas contemporáneas, acompañada de un memorial descriptivo, fue ahí que pensé al bordado como arte. Mi trabajo final fue una obra compuesta por tres fotografías intervenidas con bordado: “Mãe-Natureza”, “Pátria”, y “Cama”, fotografías en blanco y negro y el bordado con hilo rojo. Por primera vez sentí que podría considerarme artista.



Imagen 1 "Mãe-Natureza", Gabriela Minuzzo

La obra "Mãe-Natureza", imagen 1, consiste en una fotografía en blanco y negro en la que vemos como figura central una mujer/madre con su hija, pertenecientes a una comunidad de los pueblos originarios. A su alrededor vemos un territorio descampado, casi sin vida, a no ser por los pocos árboles que podemos apreciar al fondo de la imagen.

La idea de bordar las cruces rojas en esta imagen/territorio, fue con la intención de representar la pérdida, la muerte. Por un lado la muerte de nuestra madre

naturaleza por medio de la deforestación, incendios y otros sucesos que la destruyen día a día a mano del hombre. Por otro lado la muerte que se viene dando hace cinco siglos, de mujeres y hombres pertenecientes a los pueblos originarios. Ambas muertes van juntas, de la misma mano. Cruces en lugar de personas, cruces en lugar de árboles.

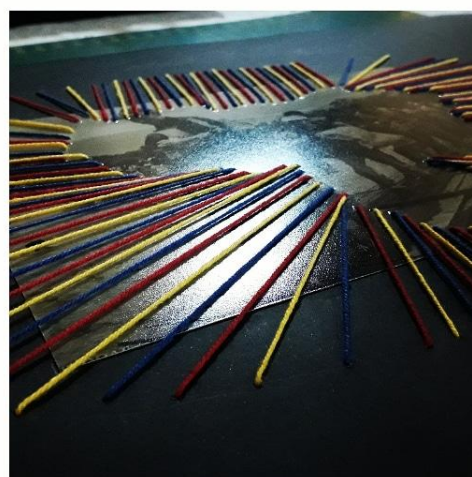


Imagen 2 "Patria", Gabriela Minuzzo

La obra "Patria", imagen 2, trae consigo una reflexión sobre nuestra Patria, nuestro hogar. En el año que fue realizada la obra, 2019, Venezuela atravesaba

una crisis política por la cual miles de venezolanos se vieron obligados a abandonar su país, dejando atrás a su patria, su hogar. Por ello la obra “Patria” es una fotografía en blanco y negro de venezolanos atravesando las fronteras para dejar atrás su país. Intervenida con hilos de los colores de la bandera de Venezuela, con líneas que van de afuera hacia adentro de la fotografía, esta obra produce el contorno del mapa territorial venezolano.

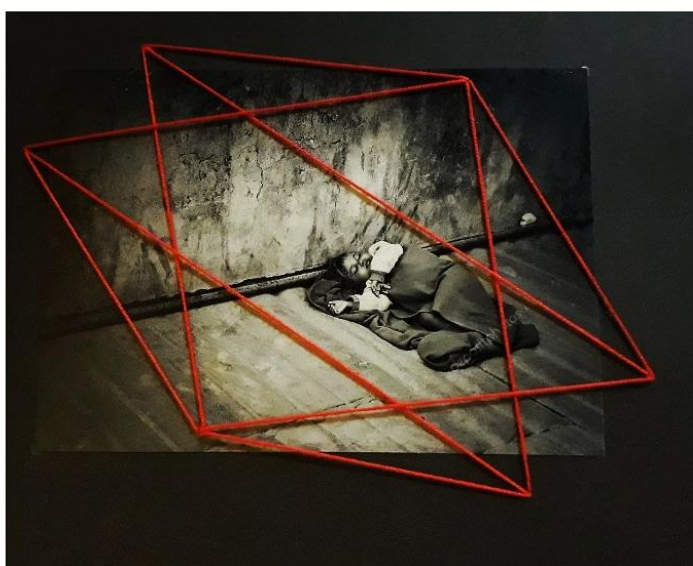


Imagen 3 “Cama”, Gabriela Minuzzo

La obra “Cama”, imagen 3, trata de representar por medio de un juego de “palabras” el abandono, principalmente de niños, en las calles. En la obra vemos una fotografía en blanco y negro en la que se encuentra una niña durmiendo a la intemperie, víctima del abandono del Estado. Sobre la fotografía, varias líneas de hilo rojo se entrecruzan formando lo que en Brasil se conoce como *cama de gato*, un juego para niños realizado con hilos. De ahí el juego de palabras, partiendo de que *cama de gato* es un juego para niños y que en la fotografía nos encontramos con una niña sin cama.

Después de realizar estas obras, empecé a buscar más referencias de artistas que tenían como técnica al bordado, y me encontré con muchas artistas y con diversas formas de abordar la técnica. Ya conocía algunos trabajos artísticos y políticos con bordado, porque en el año anterior, 2018, participando del Laboratorio de traducción de la Unila, un proyecto de extensión coordinado en ese momento por la profesora Bruna Macedo, realicé la traducción en conjunto con otros miembros del proyecto, de una entrevista¹ a un Colectivo de bordado, WàColetivo, que surgió en Cariri, Ceará, Brasil. Wà en Kariri (lengua indígena de la región) significa caminar, por ello se denominan como un grupo de mujeres diversas que caminan juntas. Como podemos ver en este fragmento de la entrevista:

La palabra “Wà” significa “caminar” en la lengua indígena Kariri (pueblo que habitó y dio nombre a nuestra región). Este fue el nombre que elegimos para que nos represente. Somos un colectivo de mujeres diversas, pero que caminamos juntas. Juntas creamos, juntas nos expresamos, juntas resignificamos. Llevamos la práctica de técnicas artesanales del espacio doméstico e íntimo a las calles, ampliando las posibilidades de hacer arte urbano en un universo protagonizado por las pinturas y por lo masculino. (Revista Periferias, 2018)

De ahí, al ver cómo utilizaban al bordado como instrumento de visibilización y de lucha, surgió el interés en buscar y conocer otros colectivos de bordado que utilizaran esta técnica para hacerse escuchar y manifestar su lucha y pensamientos. Ya que el bordado por muchos años fue en nuestra cultura considerado algo únicamente femenino y del hogar, me motiva observar qué ocurre al ser utilizado para reivindicar derechos y dar voz justamente a mujeres y fuera del hogar, en las calles.

¹ Link de la entrevista: <https://revistaperiferias.org/es/materia/wacoletivo-3/>



Imagen 4, obtenida de la revista Periferias 2018 en entrevista a WaColetivo

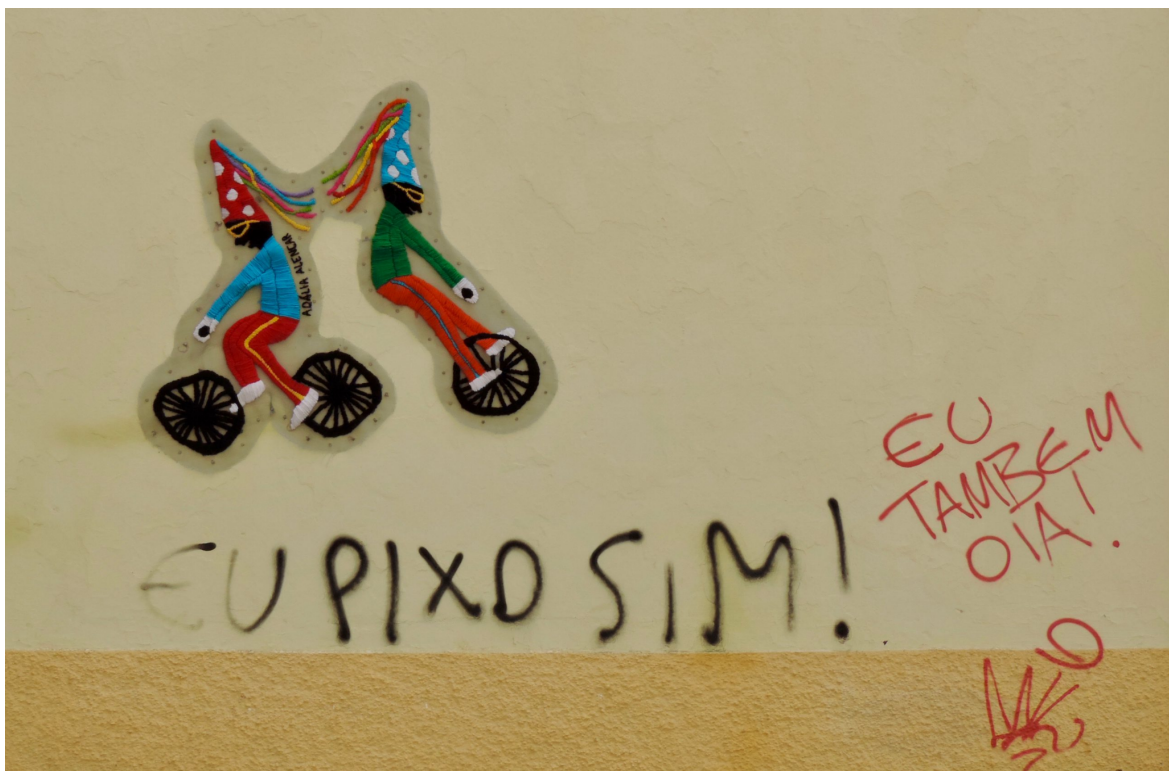


Imagen 5, obtenida de la revista Periferias 2018 en entrevista a WaColetivo



Imagen 6, obtenida de la revista Periferias 2018 en entrevista a WaColetivo



Imagen 7, obtenida de la revista Periferias 2018 en entrevista a WaColetivo

En el segundo semestre de 2019, ya super involucrada en el estudio e investigación de los colectivos de bordado, participé de una disciplina optativa, Curso Monográfico en Artes Visuales, a cargo de la profesora Angelene Lazzareti. Allí brindé en una de las clases un taller de bordado sobre fotografía a mis compañeras/os. Empecé contextualizando la técnica y mencionando mis principales referencias en el mundo del bordado, mostré imágenes de referencia y luego, con materiales y fotografías sobre la mesa empezamos a bordar. Surgieron trabajos increíbles y con diferentes miradas, fue una experiencia que nos inspiró a todas/os de diversas formas y algunas compañeras se encontraron también en la técnica y pasaron a practicarla como arte en sus días.

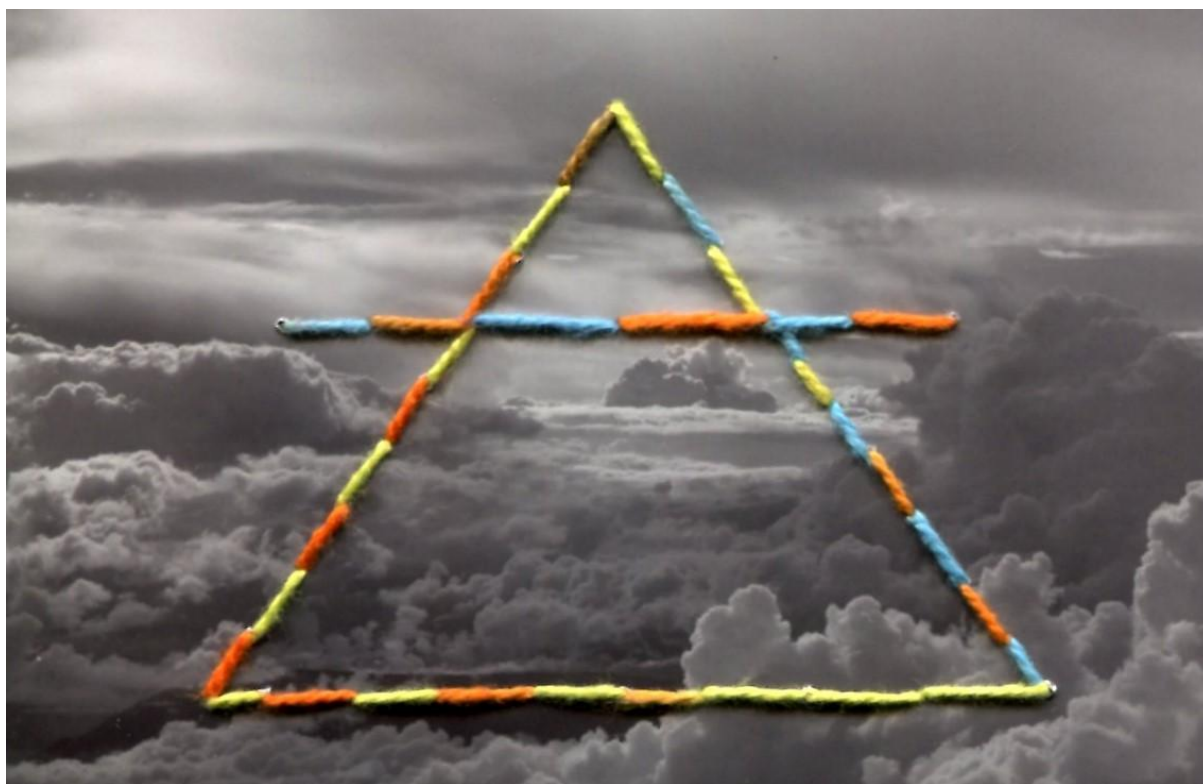


Imagen 8, artista Vitória de Campos Vieira



Imagen 9, artista Sophia Ruiz González

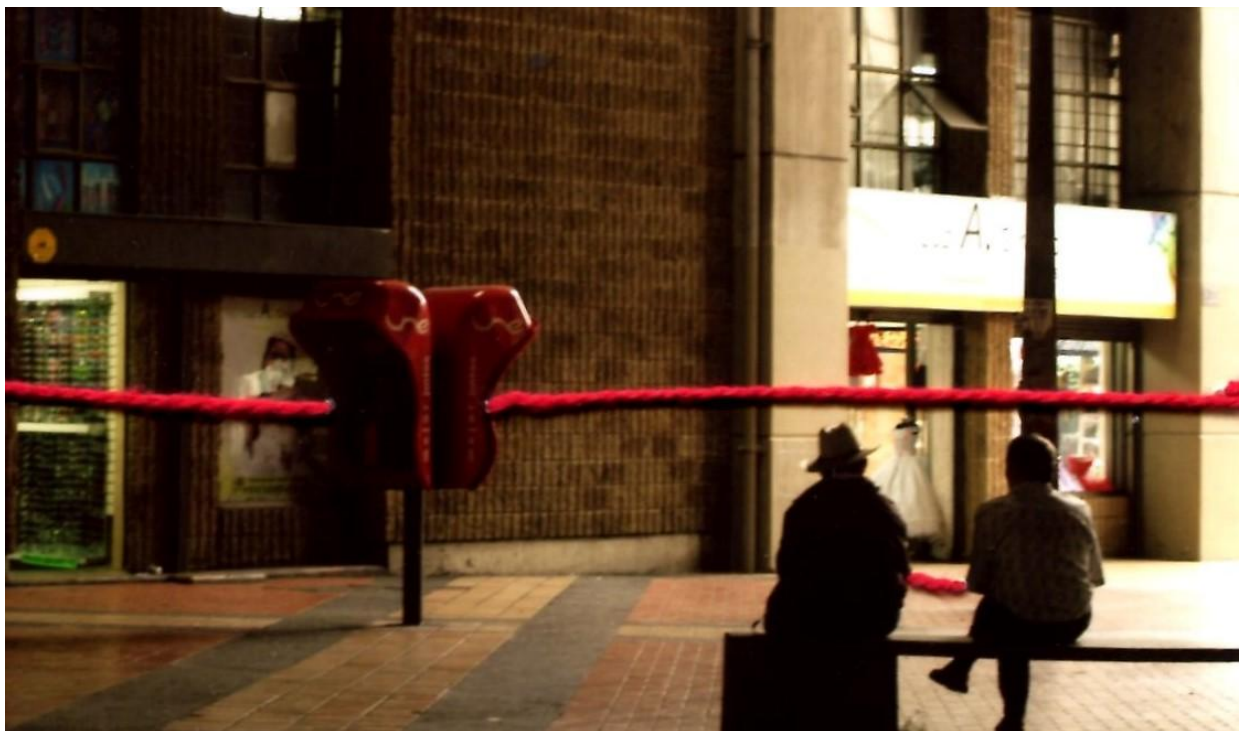


Imagen 10, artista Sara Pacheco Beltrán



Imagen 11, artista Sophia Ruiz González

Para el primer semestre de 2020, debía cursar la disciplina Introducción al TCC, orientada por la profesora Cristiane Checchia y pensar mi proyecto de tesis de la carrera, el cual ya tenía claro que sería sobre bordado. La primer idea fue buscar colectivos de bordado feministas, quería hablar sobre el bordado como arte política feminista, pero a los pocos días de iniciar las clases en la universidad, la pandemia de Covid 19 detuvo todo, y con el pasar de los meses en pandemia ya ni conseguía bordar.

En el primer semestre de 2021, retomamos las clases de forma virtual, debía volver a pensar mi proyecto de tesis, pero esta vez con un bagaje emocional diferente, me encontraba nuevamente perdida y lo único que tenía por seguro era que quería volver a bordar. Hice mi proyecto planteando ciertas preguntas que tenía sobre el bordado y sobre mi identidad, quería entender por qué existía/existe la distinción entre artista/artesana y arte/artesanía. Era una forma de querer entender cómo me identificaba a mí y a mi trabajo. Por qué el arte textil era considerado inferior a otras expresiones como la pintura. Y también seguía el interés en entrar en contacto con esos colectivos, principalmente de mujeres, que tenían a la técnica del bordado como instrumento de lucha.

Finalizando el segundo semestre de 2021, dentro del proyecto de investigación del que participo, “Poéticas do ENTRE: Corpo, Escuta e Criação Artística” de la Unila, coordinado por la profesora Angelene Lazzareti, tuvimos la oportunidad de guiar y ser guiados en diversas experimentaciones sensoriales. En mi momento de guía junto a otra compañera, João, guiamos una actividad de escucha y creación de nuestros cuerpos con elementos de la naturaleza como hojas, ramas, flores, unidos por hilos en un intento de bordar/cocer nuestros cuerpos. Fue una experiencia muy buena que nos brindó muchos aprendizajes del que surgieron trabajos increíbles.



Imagen 12, artista Angi Lazzareti



Imagen 13, artista Lara Sorbille



Imagen 14, artista Cabocla João



Imagen 15, artista Letícia Abraão



Imagen 16, artista Ana Clara Fank



Imagen 17, artista Gabriela Minuzzo

También en el segundo semestre del 2021, inicié el proceso de escritura e investigación para esta tesis, tratando de que sea un proceso agradable, mezclando un poco del proceso de creación artística, entrevistas a colectivos de bordado y estudio teórico sobre arte, bordado y procesos creativos, guiada y acompañada por mi orientadora Angelene Lazzareti.

En el transcurso de mis investigaciones entré en contacto con dos colectivos de bordado, pudiendo realizar entrevistas a una representante de cada colectivo. Ambas entrevistas tuvieron el formato de la virtualidad, por videollamada, dado el contexto de pandemia de Covid 19 y por las distancias geográficas.

La primer entrevista fue al *Coletivo Linhas de Sampa*, localizado en la ciudad de São Paulo, tuve el honor de conversar con Lenira Machado una de las fundadoras, quien amablemente disponibilizó su tiempo para contarme cómo surgió el colectivo, cómo este funciona y también me contó un poco de su experiencia con el bordado remontándose a su infancia.

Lenira Machado posee formación en Sociología, y desde muy temprano

participó activamente en diferentes movimientos, como el movimiento estudiantil en la década de 1960. Después fue militante en las *Ligas camponesas*; también militó en la *Ação Popular (AP)*, y en el *Partido Revolucionario dos Trabalhadores (PRT)* durante el periodo de la dictadura cívico militar. Dada su participación política en la izquierda, fue presa en São Paulo por primera vez en 1971 y por segunda vez en 1974, totalizando así dos años y ocho meses en prisión. En ese periodo conoció a Dilma Rousseff, ex presidenta de Brasil, porque fueron compañeras de celda, y este último dato es importante: veremos que tiene una conexión directa con el inicio del colectivo.

El segundo colectivo con el cual entré en contacto fue el *Colectivo Dora Morgen*, de la ciudad de Buenos Aires, creado por Analía Gaguin, el cual lleva ese nombre en homenaje a su madre. Analía es también artista plástica y profesora de arte, participa activamente de movimientos sociales por la lucha feminista. Es directora de un taller de arte para niños y adultos, llamado *Cromático Arte*, donde experimentan diversas técnicas, entre ellas el textil y el bordado. Además de contarme un poco sobre el colectivo de bordado, me compartió un poco de su experiencia y mirada desde su posición de artista, a través de una charla muy amena.

En el transcurso de esta tesis iré dialogando con ambas entrevistadas, que aparecerán por medio de fragmentos de las entrevistas en conjunto con mi texto. Cuando alguna de ellas esté hablando el texto aparecerá en cursiva, con otra fuente y su respectivo nombre al final.

En relación a mi proceso de creación artística, lo utilicé como una forma de depurar mis emociones, trabajando por medio del bordado todas aquellas emociones y sentimientos que me venían afligiendo hace tiempo. Bordé palabras, las que sentía que estaban trabadas o que harían que ese sentimiento sanara u obtuviera otro significado. Bordé acompañada de elementos de mi propio cuerpo (cabellos) y de elementos de la naturaleza. Siempre tuve una conexión con la naturaleza y siento que me inspira mucho, en cada trabajo que pienso realizar siempre hay un elemento natural plasmado de alguna forma.

Para una mejor lectura, el recorrido de esta tesis está dividido en tres partes, con una pausa creativa al final de cada una de ellas. La primera parte la llamé “Preparando el lienzo”; en ella les muestro un panorama general del mundo del bordado, acompañada de diferentes autoras investigadoras del bordado y de la historia como

Juliana Padilha de Souza, Valentina Castillo Mora, Silvane Heck, Claudia Schemes y Daniel Conte y también acompañada de Analía y Lenira por medio de fragmentos de las entrevistas.

Luego en la primera pausa creativa, les comparto un poco de mi proceso creativo con la obra “Choro” (Lloro, traducido al español). Un proceso íntimo en el que voy desnudando mis emociones.

A la segunda parte la llamé “Una puntada creativa: el bordado como arte”; donde encontrarán un recorrido histórico más profundo del bordado y como consecuencia también del papel de la mujer en la sociedad a lo largo de todos estos años. Porque el papel del bordado y el papel de la mujer en nuestra sociedad van de la mano, junto a los lugares que ambos fueron conquistando: la mujer en el mundo patriarcal y el bordado en el mundo del arte.

En la segunda pausa creativa, les comparto otro de mis procesos internos en el que trabajo mis emociones a través del bordado. Se puede decir que bordo con partes de mí - literalmente - ya que para este bordado utilicé como hilos cabellos que se me fueron cayendo y fui juntando a lo largo del 2021. Externando por medio del bordado un sentimiento que me acompaña hace tiempo.

En la tercera parte, llamada “Una puntada política: bordando en lo colectivo”, les presento más detalladamente a los colectivos de bordado *Dora Morgen* y *Linhas de Sampa*. En esta parte Analía y Lenira dialogan conmigo, para compartirles un poco de su experiencia en el mundo del bordado y en los movimientos sociales.

La última pausa creativa, también está relacionada con lo colectivo. En ella les comparto el proceso creativo de bordar pensándonos a todas/os como parte de un gran colectivo llamado naturaleza.

Al final de esta tesis, después de las referencias bibliográficas encontrarán en anexos las dos entrevistas anteriormente mencionadas, por si quieren hacer una lectura en profundidad. Ahora, les invito a que me acompañen en este proceso, continuando con la lectura de la primera parte, y juntas preparemos este gran lienzo que desea ser bordado.

2 PRIMERA PARTE: PREPARANDO EL LIENZO

Antes de empezar a bordar hay que preparar el lienzo, la tela u otro material sobre el cual bordaremos, debemos tener en manos hilos y aguja, y en mente la idea a ser bordada. Por ello, para empezar esta tesis quiero que preparemos juntas su lienzo, y comencemos por un pequeño panorama sobre el mundo del bordado.

El bordado en nuestra sociedad occidental eurocéntrica, por siglos fue considerado una labor doméstica, pasiva y de exclusividad de la mujer. Juliana Padilha de Souza, bordadora y académica investigadora del bordado como arte, cuenta que:

Historicamente o bordado é um fazer que se desenvolveu enquanto técnica dentro de um contexto muito específico, como um fazer feminino doméstico. Por séculos e de geração em geração, mulheres desenvolveram as habilidades de costurar, cerzir e bordar no espaço fechado do lar, espaço de invisibilidade econômica e social (SOUSA, 2018 p. 3174).

Desde niñas en las escuelas y colegios de monjas las mujeres aprendían a bordar, una labor que las mantenía pasivas en sus hogares, preparándolas para una vida matrimonial de obediencia. Pero esta labor en sí no es pasiva, abarca diversas técnicas y modos de expresión de quienes la practican, convirtiéndose en un refugio o herramienta para expresar de cierta forma sus sentimientos y emociones y generar redes de apoyo y contención en los círculos más cercanos, en un primer momento. Lenira Machado me contaba en la entrevista que, *a mulher de classe média e alta que bordava lindos panos pras igrejas e sapatinhos com fios de ouro pra alguma santa, ela estava procurando alguma função social ou a forma de inserção dentro da sociedade.* (Lenira Machado).

El bordado está relacionado también con la memoria, según lo relatado en un artículo por Heck, Schemes y Conte, investigadores de procesos y manifestaciones culturales:

O bordado consiste em um saber-fazer manual e intangível, que envolve técnicas de produção específicas, vinculadas à memória (afetiva e/ou técnica), realizadas pela ação humana, cujos ensinamentos da prática são transmitidos de forma oral de geração em geração. Constituído por um conjunto ilimitado de possibilidades para a criação e criatividade, o fazer do bordado articulou-se, historicamente, em um espaço de fala para a mulher, conformando

uma funcionalidade enunciativa articulada com os efeitos responsivos dos atores sociais que o consomem. Através da prática, elas puderam expressar sentimentos, sonhos e desejos, além de memórias, crenças e a forma de perceber a vida e estar no mundo. (HECK, SCHEMES, CONTE 2019 p. 3).

Con el pasar del tiempo, las mujeres en sus encuentros de bordado con amigas o vecinas, habilitaron un lugar para hablar de sus problemas, condiciones de vida y maltratos que sufrían. El bordado pasó a ser un refugio y en otros casos una herramienta de aprendizaje, ya que muchas mujeres eran analfabetas y sus maridos les prohibían estudiar. Así fue que aprendían a leer y escribir bordando letras y luego desarmando los puntos para que nadie se enterara. Sousa, relata que:

Beth Lírio, fundadora do Museu do Bordado de Belo Horizonte – o primeiro e único museu dedicado inteiramente ao bordado do Brasil – narra que uma das maneiras que as mulheres eram alfabetizadas era através do ensino do bordado. Ao apresentar um mostruário de letras datado de 1908 (Fig. 3), ela pontua que dificilmente uma mulher tinha a oportunidade de estudar, então quando elas se reuniam para bordar elas faziam as letras e iam passando para o papel, para assim poder fazer o nome (informação verbal) (SOUSA, 2019, p. 30).

Con el pasar del tiempo, las mujeres pasaron a utilizar al bordado como herramienta política y social, como en el caso más conocido de la Sufragistas en Gran Bretaña, “que usavam tecido para criar banners e faixas de caráter estético e político, articulando suas demandas sociais” (DIAS, 2019, p. 55) y también las Arpilleras, en Chile. *Se a gente chega nas arpilleras no Chile, a gente já nota uma atuação política diferente da nossa forma de atuação aqui no Brasil, mas já uma atuação com caráter político.* (Lenira Machado)

La artista y diseñadora Valentina Castillo Mora también agrega que:

En Chile las arpilleristas cobraron una fuerte tonalidad subversiva y testimonial dentro y fuera del país. Muchas mujeres a través de la arpillera encontraron la posibilidad de expresarse, denunciar el dolor y las violaciones a los derechos humanos que ocurrieron en la dictadura militar. Por medio del bordado testimonian lo que la voz no puede exclamar, cuentan historias por medio de hilos que preservan una memoria colectiva escrita-cosida por mujeres anónimas e ignoradas (Agosín,1985). Así denunciaron la desaparición de sus familiares y los crímenes ocurridos en el país, por lo que se puede

afirmar que las arpilleras se convirtieron en un arma de resistencia. (MORA, 2018, p.36).

Mora agrega que fue así “como el silencio de las mujeres comienza a ser quebrado y comienzan a hablar por el lenguaje de los hilos, por medio de sus bordados.”

Más adelante, inspiradas en el movimiento de las sufragistas, otros grupos de mujeres se fueron formando en diferentes partes del mundo para reivindicar sus derechos, una lucha lenta, pero constante. “The Feminist Art History Collective” (Movimiento de arte feminista) surgió a fines de la década de 1960, fue un movimiento internacional, fundado por Rozsika Parker, y uno de los mas influyentes durante el periodo posguerra. La característica principal de este movimiento era el hecho de que las mujeres cosieran en pedazos de tela los objetivos de su lucha; querían ir más allá del derecho al voto y obtener la igualdad para las mujeres.

En 1984, la historiadora del arte, Rozsika Parker, publicó su libro titulado “The Subversive Stitch: Embroidery and the Making of the Feminine” (La puntada subversiva: el bordado y la construcción de lo femenino). En él, analizaba la historia del bordado y su relación con lo femenino, así como el papel social de la mujer a lo largo de la historia, y como la feminidad es construida sociológicamente, constructo que va cambiando dependiendo del status social, de la cultura y del paso del tiempo. Este libro es fundamental para hablar sobre bordado y feminismo, pero no pude tener acceso a él, ya que solo encontré versiones en inglés y no estaban disponibles para la compra en mi ubicación. Por ello mencionaré a lo largo de la tesis a Parker a través de trabajos de otras escritoras investigadoras del bordado. Sousa (2018), por ejemplo, menciona que Parker “considera que a produção de bordados ao longo da história apenas exerceu o poder de propagação do ideal feminino a partir da Renascença, que foi também quando se separaram mais claramente as definições de arte e artesanato.” (SOUSA, 2018, p. 3175).

Por ello, cabe resaltar que el bordado no siempre fue una labor femenina, como vemos en los discursos actuales, según Heck, Schemes y Conte, citando a Silva:

No entanto, apesar de reflexos deste discurso permanecerem incrustados no imaginário social, é importante ressaltar que nem sempre o bordado foi considerado uma atividade exclusivamente feminina. No século XVI haviam homens, em Lisboa/Portugal, que exerciam o ofício. A prática exigia tanta aptidão que, por vezes, era necessário realizar provas e obter diploma, sobretudo para executar bordados em trajes requintados, que incorporavam

pedras preciosas, pérolas e até mesmo ouro, transformando as peças em verdadeiras obras de arte (SILVA apud HECK, SCHEMES, CONTE, 2019, p. 5).

Ya para la primera década del 2000 surge un nuevo movimiento de lucha, el “Craftivismo”, o Arte Activista, que utiliza lo artesanal y lo textil como instrumento de lucha. A partir de mensajes bordados como pancartas o grafitis por las calles y muros, diversos grupos de mujeres y hombres ahora también se reúnen para reivindicar sus derechos. Sin hacer grandes marchas o manifestaciones, instalan sus mensajes bordados o tejidos, que adquieren cada vez más impacto por lo dicho y por lo implícito en el mensaje basado en el material utilizado. Al ser del orden de lo textil, los hilos y agujas que antes remitían a pasividad, a cuestiones del hogar, y luego se convierten en elementos utilizados para transmitir un mensaje de lucha de derechos en las calles, hace mucho más potente esta elección, que si se hubiera utilizado otro material. Para Analia Gaguin, *se genera una cosa muy potente desde la imagen visual en la denuncia, por eso siento que ahí se ve la resistencia, cuando vos ves una obra tan potente con una cosa tan sutil.* (Analia Gaguin)

Entende-se, desta forma, que o bordado pode se articular como uma ferramenta altamente política, capaz de romper com o protótipo subjetivo com o qual comumente o identificamos e associamos – ou seja, como peças carregadas de delicadeza e graciosidade –, para se configurarem em peças de denúncia, incômodas e embaraçosas, colocando a mulher como sujeito político na construção dos efeitos de sentido do discurso social. (HECK, SCHEMES, CONTE, 2019, p. 6).



Imagen 18, Tanque rosa - Marianne Jørgensen, «Pink M.24», 2006.²

² Imagen disponible en: <https://timeline.com/craftivism-art-women-82cf1d7067c8>



Imagen 19, Mujer eres hermosa - Victoria Villasana 2017



Imagen 20, Oficina de Bordados 'Linha Vital – Saúde Mental e o Sistema Único de Saúde' | ICICT | Fiocruz



Imagen 21, Oficina de Bordados 'Linha Vital – Saúde Mental e o Sistema Único de Saúde' | ICICT | Fiocruz³

Actualmente, el bordado está presente en diferentes ámbitos y cada día gana más espacio, en las luchas y en el mundo del arte. Cada vez más personas son adeptas a esta técnica que de ser considerada antes como algo artesanal ahora se la empieza a pensar como arte. Y así como las mujeres por muchos años fueron relegadas del mundo de las denominadas bellas artes, en el presente transitan los espacios artísticos produciendo obras con el bordado como técnica.

Ya con este breve panorama tenemos listo nuestro lienzo, nuestra base para comprender por cuál camino iremos, qué puntos atravesaremos; por ello te invito a que me sigas acompañando y juntas demos las primeras puntadas de esta tesis y de este trayecto artístico.

³ Imagen disponible en:
<https://www.icict.fiocruz.br/content/oficina-de-bordados-linha-vital---saúde-mental-e-o-sistema-único-de-saúde>

2.1 UNA PEQUEÑA PAUSA PARA BORDAR

En mi proceso creativo intenté también hablar por medio de los hilos, aunque no refiriéndome a una causa colectiva, sino sobre mis emociones y sentimientos, asimismo creo que de cierta forma, quizá, pueda estar compartiendo este sentir con otras personas.

Una de las obras que realicé fue para trabajar las emociones que me provocaban el llanto, nunca supe expresarme bien por medio de las palabras, ya sean éstas escritas o habladas. Al no expresar esos sentimientos por medio de las palabras, de alguna forma estos tenían que salir de dentro de mí y la mayoría de las veces lo hacían a través del llanto. Siempre que me sentía mal o había algo que me molestaba la tendencia era llorar, y esto de cierta forma se mantuvo hasta la vida adulta, si bien cada día voy aprendiendo a manejar mejor las emociones, el llanto insiste en permanecer.

Por ello quise plasmarlo en una obra, para ver si así lo podía liberar un poco. Hice una relación entre el llorar y las cebollas, siempre que estamos pelando o picando cebollas lloramos, cuanto más nos acercamos al centro de la cebolla más sus ácidos nos producen lágrimas. En mi metáfora el pelar las cebollas, abrirlas capa por capa, es como ir abriendo mis capas interiores para entender cuales son mis ácidos internos que me hacen llorar.

Para la obra tomé una de las capas superficiales de la cebolla, su piel, que al mismo tiempo que es frágil, fina, también sirve para protegerla. Posicioné esa piel de un tono rosa sobre una hoja de papel reciclado, que también produce yo - me gusta experimentar diferentes técnicas -, y sobre la piel bordé la palabra lloro, en portugués “Choro”, dejandola así plasmada. Más abajo y fuera de la piel de cebolla, bordé en portugués “me descasco”, representando ese pelar, ese abrir las capas, desvestirme para comprenderme desde el interior.

Para el bordado utilicé hilo negro y uní el papel (el lienzo) a un bastidor circular, por medio de una técnica que se llama bordado de telar.



Imagen 22 Choro, Gabriela Minuzzo

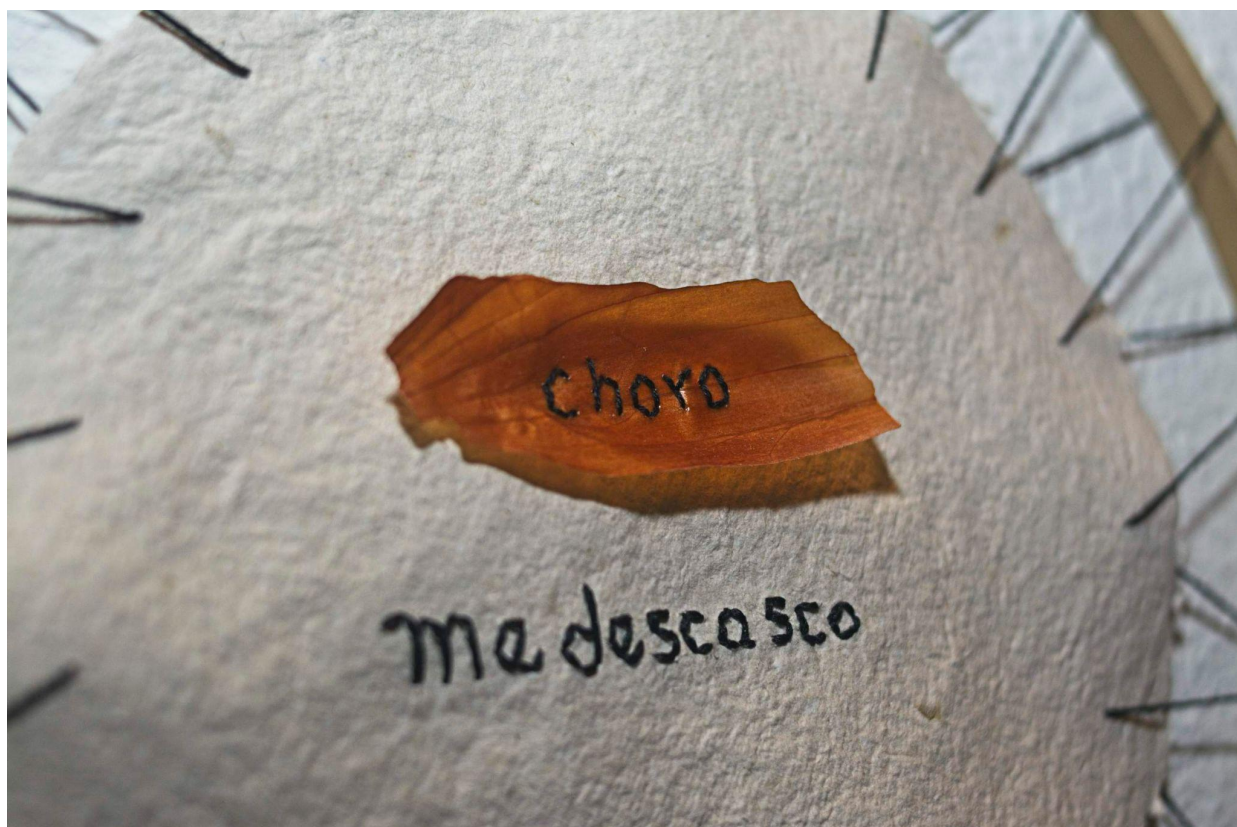


Imagen 23 Choro, Gabriela Minuzzo

3 UNA PUNTADA CREATIVA - EL BORDADO COMO ARTE

Para comprender mejor el papel del bordado en la actualidad, necesitamos retroceder un poco en el tiempo, y entender cómo este era visto en diferentes épocas, quienes lo practicaban y qué valores le atribuían.

Para iniciar este viaje vamos a dirigirnos un poco a la Edad Media, y tener en cuenta que toda esta contextualización histórica del bordado es en relación a la cultura occidental europeizada, ya que se sabe que el bordado hace parte de diversas culturas y en cada una de ellas tiene un papel diferente. Pero aquí no nos podemos extender mucho, entonces tendremos en cuenta los aspectos occidentales que, queriendo o no, son los que nos afectan e imponen nuestro modo de ver hasta la actualidad.

Se tiene conocimiento que durante la Edad Media el bordado era practicado principalmente por mujeres, era un saber fundamental para ellas e incluso en esa época surgen lo que podríamos llamar primeros gremios de bordadores en Europa. Sin embargo, sabemos que el papel de la mujer en la sociedad de esa época era secundario y en consecuencia sus saberes también eran considerados secundarios. De este modo, Valentina Castillo Mora (2018), diseñadora y bordadora nos cuenta citando a Gonzáles que:

González (2002) afirma que el sujeto femenino como realidad histórico-social quedaba fragmentado de la totalidad del cuerpo, sólo a sus manos y no la cabeza ni la lengua; así la fuerza económica que potencialmente estaba significando se devaluaba y sus obras no pasaban de ser “labores” o “accesorios” y su competencia quedaba reducido a un “arte menor”. (MORA, 2018, p. 25)

Con el pasar del tiempo y el aumento de la población, surgió una mayor demanda por el trabajo, y como consecuencia las mujeres fueron relegadas de su función porque las leyes autorizaron el trabajo remunerativo, y artístico, solamente a los hombres. De esta forma el bordado pasa a ser practicado únicamente en el ámbito doméstico por las mujeres.

Sobre esto, Mora menciona citando a Ágreda que:

Ágreda (2000) rescata en su estudio sobre *El trabajo de la mujer en los obradores de bordado zaragozanos*, una frase procedente de la versión ilustrada del derecho del artesano de Adrian Beier escrita en 1688, donde se afirma este precedente: **“De acuerdo con la ley;**

ninguna mujer está autorizada a ejercer una actividad artesanal, aunque éste capacitada para ello como un hombre” (MORA, 2018, p. 26)

Nos encontramos entonces en la época del iluminismo, periodo caracterizado por el pensamiento crítico, donde el uso de la razón era necesario para interpretar el mundo. Como mencionamos anteriormente los saberes de las mujeres eran considerados secundarios, por ello en este periodo comenzó a surgir la idea de “un arte menor o inferior” en relación al bordado, ya que se lo asociaba con la feminidad, “a pesar de que la mayoría de los bordadores profesionales eran hombres- esta idea de la debilidad de la mujer quedó en los autores de la época.” (MORA, 2018, p. 26).

De este modo el bordado junto con la acuarela pasan a ser considerados como actividades artísticas permitidas para las mujeres, “siempre y cuando se realicen como simples aficionadas” (MORA, 2018, p. 26) y eran aceptadas por los ilustrados a partir del pensamiento de que “las mujeres carecían de capacidad de razonamiento y creatividad, pero estaban mejor dotadas que los hombres para ejecutar obras muy minuciosas.” (MORA, 2018, p. 26). Valentina refuerza esto citando a Parker, que afirma que “Cuando las mujeres bordan, no se ve como arte, sino como la expresión de la feminidad, y se clasifica como artesanía” (PARKER apud MORA, 2018, p. 26).

A mediados del siglo XVIII, con el surgimiento de la Revolución Industrial, que trajo grandes cambios en occidente a nivel social, político, económico, tecnológico y cultural, y el desplazamiento de la población del campo a la ciudad, la demanda por nuevas ofertas de trabajo se acrecentó y las mujeres también necesitaron insertarse en el campo laboral. *Quando a mulher vai entrar no mercado de trabalho, como era vedada à cultura, vedada à busca de uma profissão, o espaço que surge pra ela imediatamente é o bordado. Se você olhar na França, as mulheres que faziam chapéus lindíssimos e faziam luvas, que bordavam as roupas íntimas com ponto ajour, foi uma forma de inserção no mercado de trabalho.* (Lenira Machado)

Más adelante, durante fines del siglo XIX y principios del siglo XX hasta la primer Guerra Mundial, surge en Gran Bretaña un movimiento llamado *Arts and Crafts*, liderado por Willam Morris, artista y escritor, que rechazaba la estética de la industrialización, por considerarla fría y despersonalizada, y buscaba defender un estilo de vida sencillo inspirado en la naturaleza, rescatando las labores manuales. El

movimiento provocó un renacimiento del bordado, empezaron a bordar flores en tapices, alfombras, paredes... Morris pretendía que la división sexual dentro del arte doméstico desapareciera, pero su movimiento tuvo el efecto contrario y dejó aún más marcada esta separación. Mora, afirma que “esta revalorización estaba bajo las ideas de la feminidad Victoriana” (MORA, 2018, p. 27) o sea, basada en una estereotipación de la mujer como sumisa y ama de casa y agrega que:

el movimiento Arts & Crafts sólo promovió un nuevo estilo de bordado, el cual estaba asociado a una imagen de bordado aristocrático, de doncella costurera, lejos de la imagen medieval que idealizaba Morris en una artesanía colectiva. Por lo tanto el movimiento habría cambiado poco la relación de bordado y feminidad. Donde dominaba el papel creativo del diseñador, mientras que a las mujeres les quedaba el aspecto femenino del oficio (fabricación) que requiere destreza manual. (MORA, 2018, p. 27).

Citando a Callen, Mora reafirma lo mencionado anteriormente, agregando que a pesar de que el movimiento Arts and Crafts fue de cierta forma social y artísticamente radical, produjo, perpetuó y reforzó la ideología patriarcal Victoriana dominante.

Entre los años 60 y 70 del siglo XX, surge a partir de la bienal de Lausanne el *Fiber Art* o arte textil, que buscaba generar un lenguaje propio entre las experimentaciones textiles y superar la dicotomía entre arte y artesanía. A partir de ahí se empieza gestar un debate sobre el arte textil como medio de expresión artística, que evoluciona y para los 70, con la segunda Ola feminista, se masifica el uso del bordado y otras técnicas textiles de la mano de algunas artistas (MORA, 2018).

En esa época la historiadora de arte estadounidense, Linda Nochlin publicó un artículo titulado *¿Por qué no ha habido grandes mujeres artistas?*, abriendo así un debate de género en el arte y el papel de la mujer en este ámbito. Se empezaron a preguntar también por qué grandes artistas como Michelangelo no habían tenido un correlato femenino y emprendieron una búsqueda de obras artísticas realizadas por mujeres a lo largo de la historia. Notaron que la mayoría de las obras no eran firmadas, o eran dadas como autoría de algún hombre, que la mayoría de las veces era familiar o mentor de la artista y, por otras veces, las obras eran firmadas como “anónimo”. La mayoría de las obras se encontraban también en pésimas condiciones, llenas de moho,

abandonadas en sótanos, llegando incluso a desaparecer y jamás ser conocidas.

Pero para Nochlin la cuestión no era intentar responder a esa pregunta tratando de encontrar a una genia del arte perdida, sino ver cómo fue desarrollándose el papel femenino a lo largo de la historia, ya que para ella las mujeres no se realizaban como artistas porque dentro de su papel social se les era negada la producción artística. Sousa citando a Nochlin refuerza lo dicho, mencionando que:

Para Nochlin (2016) as mulheres não se realizavam como artistas, pois, desde o momento em que se inseriam no mundo simbólico, eram-lhes negados os acessos às condições de se produzir arte. Arte essa mediada por um discurso de normatividade e por uma perspectiva ocidental e masculina, que definia o que poderia ser considerada uma obra-prima e o que, de forma alguma, poderia pertencer a essa definição. (SOUSA, 2018, p. 3176).

Entonces la cuestión no estaba en la existencia de una genialidad artística innata, sino en las oportunidades sociales, económicas y educativas que les eran negadas a las mujeres. Para Nochlin, el hecho de que no hubieron grandes mujeres artistas en la historia estuvo relacionado a que la forma de arte considerada era la masculina, y esta no se podía comparar con lo femenino. En las palabras de Nochlin:

Na realidade, nunca houve grandes mulheres artistas, até onde sabemos, apesar de haver algumas interessantes e muito boas que ainda não foram suficientemente investigadas ou apreciadas, como não houve também nenhum grande pianista de jazz lituano ou um grande tenista esquimó, e não importa o quanto queríamos que tivesse existido. É lamentável que seja esse o caso, mas nenhum tipo de manipulação de evidência histórica e crítica vai alterar a situação, nem acusações de distorções machistas sobre a história. Não existem mulheres equivalentes a Michelangelo, Rembrandt, Delacroix, Cézanne, Picasso ou Matisse, ou mesmo nos tempos recentes, a Kooning ou Warhol, assim como não há afroamericanos equivalentes dos mesmos. Se existisse um grande número de mulheres artistas escondidas, ou se deveríamos ter diferentes padrões para a arte das mulheres em oposição à arte dos homens – e não se pode ter os dois – então pelo o que estariam lutando as feministas? Se as mulheres de fato tivessem alcançado o mesmo status que os homens na arte, então o *status quo* estaria bem. (NOCHLIN, 2016, p 7-8).

Entonces, las mujeres, colectivamente, comenzaron a buscar otras técnicas artísticas con las que se identificaban y que no eran tan comunes; rescatando así diferentes “artes tradicionales practicadas por mujeres a lo largo de la historia, como lo son: el bordado, el tejido, el patchwork y otras artesanías atribuidas al quehacer femenino.” (MORA, 2018, p. 29).

Mora agrega que:

Así comenzaron a explorar una identidad colectiva de mujeres y a tocar temas en torno “al cuerpo, al género, a la sexualidad y a las dimensiones políticas y económicas que configuran el espacio de la mujer en la sociedad (las preocupaciones cotidianas de la mujer abarcan temas como la igualdad salarial, la violación, el acoso, la violencia doméstica, etc)” (Mendoza, 2010, p. 286) actitud que abrió camino hacia la creatividad. (MORA, 2018, p. 28-29).

Analia Gaguin, en la entrevista, me hablaba también sobre este tema de rescatar al bordado y cómo eso hace que el papel de la mujer también cambie. *Eso es interesante también ¿no? como ponerlo en el lugar en el que está ocupando también, que a parte también me parece que hace que... cambia el rol de la mujer actual ¿no? como... me parece que esta cuestión expresiva del bordado que está ocupando ahora también es la misma que nosotras estamos ocupando, en una sociedad que denuncia, que no nos callamos ¿no? como que nos ponemos en otros lugares también, no queremos ocupar más ese lugar de esa mujer pasiva que se encontraba con las amigas a bordar, sino que también salir [...] salir de lo doméstico para ocupar lo público.* (Analia Gaguin)

Utilizar técnicas como el bordado, permite entonces rescatar los vestigios de la historia femenina, “O bordado recupera a memória”, él se “configura em um abrigo” (HECK, SCHEMES, CONTE, 2019, p. 12). Y a partir de ese rescate de la memoria, se puede empezar a cuestionar la feminidad narrada a partir de la mirada masculina y así alzar la propia voz.

En relación a esto, Heck, Schemes y Conte mencionan que:

Assim, a docilidade feminina, narrada a partir do olhar masculino, passa a ser questionada por meio de bordados que resgatam a voz periférica feminina, historicamente silenciada, quebrando a hegemonia desta relação de poder em que o homem se situa, em posição privilegiada, acima da mulher. Ao se narrar no plano estético do bordado, a mulher desestabiliza esta ordem narrativa homogênea e se desloca, conduzindo-se a uma posição de poder. (HECK, SCHEMES, CONTE, 2019, p. 13).

Actualmente existen movimientos artísticos como el *Craftivism* (arte activista) que utilizan al bordado y otras técnicas textiles como herramientas de lucha. Son trabajos individuales y colectivos, que denuncian, provocan, cuestionan y desafían los modos de ver, pensar y vivir pasados y actuales. Podemos decir que de cierta forma todas aquellas personas que utilizan el bordado u otra técnica textil para expresar sus ideas, pensamientos, inquietudes, y lo hace para que otra persona lo vea, está creando a partir del craftivismo.

Hasta aquí pudimos entender cómo fue el proceso del bordado a lo largo de la historia, desde ser concebido como artesanía a convertirse en arte, y a su vez el lugar que tuvo la mujer en el mundo del arte, y su transformación en la actualidad.

Quiero que sigamos bordando juntas esta tesis, ahora junto a la experiencia de otras bordadoras y colectivos de bordado, iremos puntada a puntada adentrándonos aún más en el mundo del bordado.

Pero antes...

3.1 UNA PEQUEÑA PAUSA PARA BORDAR

Dentro de mi proceso creativo, vengo, como ya mencioné anteriormente, tratando de sacar afuera ciertos sentimientos y emociones que me aquejan. Últimamente siento un cansancio tremendo, y no sé identificar cuando surgió, y tampoco me acuerdo cuándo fue la última vez que me sentí realmente bien.

Es un cansancio físico pero emocional, un cansancio que por más que descanse el cuerpo, nunca se me pasa, no consigo recuperarme. Siento un desgaste físico y emocional pero no sé por dónde partir para tratar esto.

Hace un tiempo que se me viene cayendo el cabello más de lo normal, lo atribuyo a todo esto que estoy sintiendo, pero sé que tengo que hacerme ver el motivo con una profesional, pero por lo pronto esto me está sirviendo de inspiración para una obra.

El año pasado había visto algunas artistas que bordaban con cabello y como me caía mucho cabello, decidí empezar a juntarlo para probar hacer algo. Estuve investigando un poco y buscando artistas para inspirarme y descubrí que la técnica de bordar con cabello es muy antigua, sus primeros registros remontan a la Dinastía Tang (618-907) en China, donde se conoce a ese bordado por el nombre de MOXIU⁴, o bordado negro, dado que las personas en China poseen mayormente cabello negro. Esta técnica la utilizaban las mujeres para hacer bordados a Buda, como ofrendas de algo íntimo. Con el cambio de dinastías esta técnica se dejó de utilizar y fue retomada en 1970, donde empezaron a estudiarla con más profundidad y a utilizar diferentes gamas de colores consiguiendo cabellos de diferentes etnias y también tiñendo de forma química los cabellos blancos.

También encontré que existen los bordados de luto o funerarios, que son obras (cuadros de luto) elaborados con fibras de cabello de familiares fallecidos, pegadas por mechones a un soporte de vidrio, resultando en una textura similar al bordado. Otra forma de bordado de luto es la joyería de luto, que también utiliza el cabello de un familiar fallecido para bordar objetos de uso personal como pulseras, aros o collares.

Otro ejemplo de bordados con cabello es el de “Pañuelos de Cortejo” en México, donde las mujeres bordaban con sus cabellos pañuelos como una ofrenda a sus

⁴ Para saber más: https://institucional.us.es/revistas/arte/26/varios_8.pdf

novios, como gesto de aceptar el compromiso. Estos bordados daban la impresión de ser una impresión litográfica y por ello la técnica también es conocida como litografía en bordado.

Una artista ya fallecida que empleaba la técnica de bordar con cabello fue Trinidad Morcillo⁵ de Granada, España. Ella llamaba a esta técnica como litografía, fue por muchos años profesora de bordado en escuelas y también restauradora de obras, y pasó a dedicarse solo al bordado después de jubilarse. En los años 60 se tiene registro de sus primeros bordados utilizando cabellos, que eran siempre suyos o de sus hijas y las obras eran siempre para regalar a sus hijas, por ello, los temas de bordado eran más personales.

Una artista contemporánea que utiliza cabello para realizar sus obras es Jayoung Yoon⁶, de nacionalidad china, su trabajo es conocido internacionalmente y realiza esculturas con cabello además de bordados. Su trabajo se basa en experiencias personales abordando temas como tiempo, espacio, conciencia.

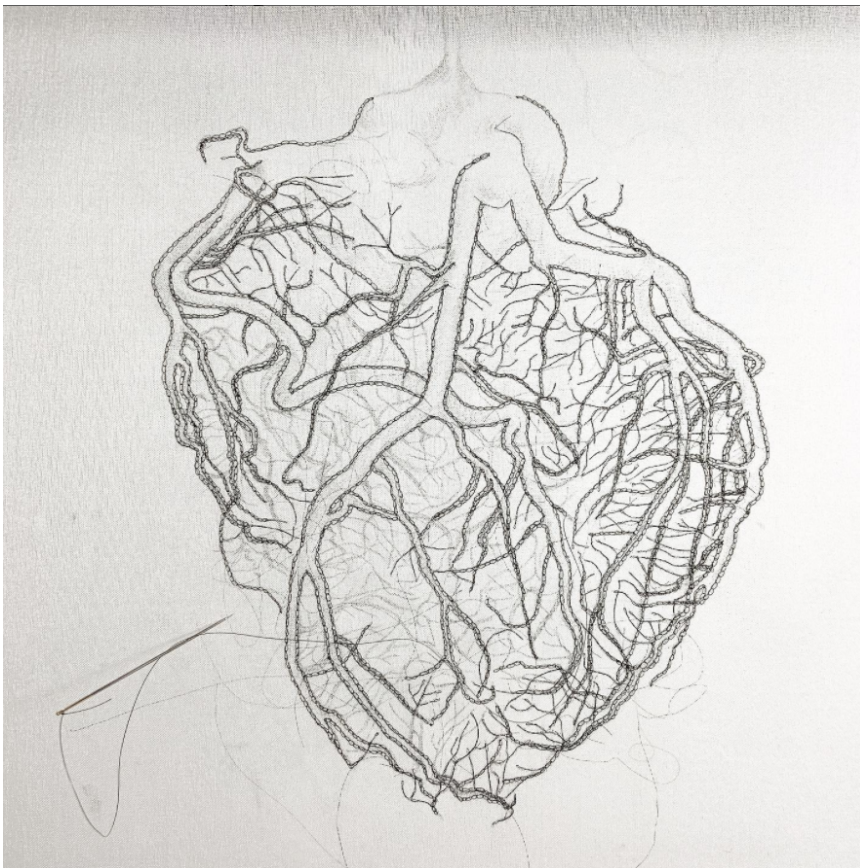


Imagen 24

⁵ Para saber mas: <https://revistaseug.ugr.es/index.php/arenal/article/view/2408/3848>

⁶ Página de la artista: <https://www.jayoungart.com/hair-sculpture/individual-works>



Imagen 25 del Instagram de Jayoung Yoon

Haber empezado a bordar con los cabellos que había juntado, me trajo varios recuerdos y pensamientos. Desde chica siempre tuve complejos por mi cabello, mis compañeros o personas de mi edad en ese momento se burlaban y hacían cargadas porque tenía rulos y mucho frizz y yo nunca supe tolerar las cargadas, por lo que sufrí bastante.

También siempre sentí cierta fobia de tocar el cabello caído, principalmente el que se caía durante la ducha al piso del baño, no conseguía juntarlo, me provocaba una tremenda sensación de repulsión, asco. Con el tiempo fui trabajando mentalmente esta sensación y dándome cuenta que es solo cabello y ahora ya no me provoca asco, pero estar ahora en contacto con ese cabello caído, muerto y enmarañado, me provoca muchas sensaciones y me trajo el recuerdo de esa sensación de asco y no conseguir tocarlo: pero lo tengo que hacer, ya empecé a bordar.

Cuando me imaginé esta obra creí que podría bordar con el cabello así como bordo con hilos, pero no, me resultó muy complicado y estresante, separar hebra por hebra, unirlas, acomodarlas, enhebrarlas en una aguja y bordar, lo intente varias veces, pero fue acto fallido; siempre terminaba por salirse alguna hebra, soltarse y no lograba bordar ni el inicio de una letra, porque bordo la palabra CANSANCIO como una

especie de intento de quitarlo (al cansancio) de dentro de mi, plasmandolo en la obra bordada.

Como no estaba consiguiendo bordar, y tenía varias bolitas de cabello en la cajita donde los guardaba, se me ocurrió dejar las hebras así enredadas, e incluso enredarlas un poco más y así, con una sola hebra de cabello -la más larga siempre- ir uniendo ese enmarañado a la tela, al lienzo e ir formando así las letras.

Lo empecé a hacer, empecé por el final de la palabra porque en la posición que estaba sentada - en el piso con el bastidor de 50 por 50 centímetro sobre un banquito - me era más cómodo. Bordé primero la letra "I" luego la "O". Me considero una persona bastante perfeccionista y también de querer que las cosas se hagan rápido, pero este bordado está siendo un proceso lento y también estoy tratando de que no sea "perfecto", o mejor dicho dejar que se vean esas imperfecciones como cabellos salidos hacia afuera de las letras que, creo, muestran ese enmarañado, ese caos que llevo dentro.

Fui registrando ese proceso de bordar por medio de un video, y confieso que esa parte me generó cierta tensión. Todas las veces que prendía la cámara y empezaba a bordar, no me salía nada; por esa razón, tengo varios minutos de intentos fallidos registrados.

Bordar con cabello es lento, más lento que con cualquier otro material, es una fibra extremadamente delicada y no se le puede ejercer mucha presión sino se quiebra. También al empezar cada letra o al tener que tomar una nueva hebra de cabello, me resultaba muy difícil, porque todavía no le encontré la forma o la técnica de anudar el cabello para que quede firme y no se salga de la tela. Lo que hice fue darle varias vueltas hasta que solo se quedó prendido entre el resto del enmarañado de cabellos. Por ello es lento el proceso, una letra por hora, y me tensiona mucho la espalda y los hombros. Fui bordando una o dos letras como máximo por día y hubo algunos días que no bordé.

Cuando estaba a la mitad la palabra bordada le fui agarrando un poco la mano a la técnica, pero de todos modos me generaba mucho cansancio. Faltando solo dos letras para finalizar tuve que hacer un descanso por unos días, porque no aguantaba más, me sentía extremadamente cansada, estresada y con la espalda tensionada, dura, trabada.

Ahora ya está lista la obra, están todas las letras bordadas, enmarañadas

a la tela, al lienzo, siento un poco de alivio, quizá ahora sí por fin pueda descansar. El ultimo día que bordé, lloré, me sentía exhausta, pero ahora en esta especie de ritual con bordado quiero dejar ese cansancio ahí en el cuadro fuera de mí, ya no me pertenece, se lo entrego al mundo.



Imagen 26 Cansancio, Gabriela Minuzzo - Fotografía Anael Cespedes



Imagen 27 Cansancio, Gabriela Minuzzo - Fotografía Anael Cespedes



Imagen 28 Cansancio, Gabriela Minuzzo - Fotografía Anael Cespedes

4 UNA PUNTADA POLÍTICA - BORDANDO EN LO COLECTIVO

Cuando decidí que iba a hablar sobre colectivos de bordado en esta tesis, empecé a buscar colectivos que estuvieran lo más cerca posible o que fueran de fácil acceso a una entrevista. Había escuchado hablar de algunos colectivos en Colombia y los acompañaba por redes sociales, pero quería conversar con colectivos que estuvieran más cerca de la realidad que hago parte, soy argentina pero de la frontera con Brasil. Y desde 2017, viviendo la experiencia de estudiar en la Unila, siento aún más pertenecer a esta frontera del portuñol, por ello quería que en esta tesis al menos pudiera conversar con una artista o colectivo argentino y con otra artista o colectivo brasileño.

De Argentina, por increíble que parezca no conocía a muchas artistas y no acompañaba el trabajo de ningún colectivo al momento de iniciar la búsqueda, entonces empecé a investigar, y buscar notas en diarios y revistas sobre movimientos feministas y colectivos de bordado, hasta que me encontré con el colectivo *Dora Morgen*, y su fundadora Analía Gaguin, que también es artista plástica y profesora de arte y de entre diversas técnicas que practica, una de ellas es el bordado. Leí varias notas que hablaban del colectivo, vi un video⁷ que el propio colectivo creó y disponibilizó contando un poco de su historia, y sentí que quería que ese colectivo junto a Analía fueran parte de este proceso. Entonces decidí entrar en contacto con Analía para ver si estaba disponible para una entrevista y saber si le gustaría participar de esta tesis. Conversamos por instagram, que después me contó ella que es su principal medio de contacto y divulgación de su trabajo. Le envié un mensaje contándole sobre mi propuesta de tesis y mi interés en entrevistarla, en el mismo día, pocas horas después respondió mi mensaje agradeciendo mi interés en su trabajo y diciéndome que con gusto participaría de la entrevista. Fijamos un día para nuestra charla, que se dio de forma virtual, por medio de una video llamada por Zoom, ella desde Buenos Aires y yo desde el interior de Misiones.

De Brasil conocía y acompañaba por redes sociales el trabajo de algunos colectivos, como el colectivo Linhas do Horizonte, el Wa Colectivo que mencioné anteriormente, y también el colectivo Linhas de Sampa. Este último colectivo unas semanas antes había estado cumpliendo 3 años de aniversario y por ello realizaron una

⁷ Link al video del colectivo Dora Morgen: <https://www.youtube.com/watch?v=HWSKP0SWM9o>

transmisión por youtube⁸ para celebrarlo, donde sus principales miembros fundadoras contaban un poco su historia, de cómo surgió el colectivo y su trayectoria.

En ese vivo por youtube habló Lenira Machado, una de las miembros fundadoras y quedé encantada con su historia y experiencia. Entonces me decidí a entrar en contacto con el colectivo para conseguir una entrevista y en lo posible una entrevista con Lenira. Escribí un email al colectivo, contándoles sobre mi proyecto de tesis y mi interés sobre el colectivo y que me gustaría hacerle una entrevista a Lenira. A los pocos días me respondió el email Glaucia Ribeiro de Lima, muy amablemente reenvió el email a Lenira y me pasó su contacto. Conversamos con Lenira vía email y coordinamos un día para la entrevista que también se dio de forma virtual vía Zoom, ella desde São Paulo y yo desde Misiones, fue una conversación muy agradable, me compartió un poco de su experiencia de vida y me contó sobre cómo surgió el colectivo y los valores que lo sostienen.

Ambos colectivos tienen al bordado como una herramienta de lucha, pero sus bases fundadoras son diferentes. El Colectivo Dora Morgen, me contaba Analía que surgió en el 2016, en la época en la que se realizaría la segunda marcha del Ni Una Menos en Argentina, un movimiento de manifestación de las mujeres contra la violencia y los feminicidios, que había sido muy fuerte en el año anterior 2015.

La marcha en 2015 había sido muy fuerte y yo había ido con el colectivo de arte y memoria y mi rol en ese momento había sido como de interactuar con las mujeres, ahí escribimos, no estábamos pintando un rostro, si no que poníamos unas cosas escritas porque era como más... había mucha gente. (Analía Gaguin). Antes de esta experiencia, en otras manifestaciones sociales usaban de forma colectiva la pintura como instrumento para manifestar su lucha, me contaba que *venía en un colectivo de derechos humanos, trabajando con la cuestión de los desaparecidos en la Argentina, haciendo retratos con la gente, arte y memoria colectiva, entonces lo que hacíamos era como ir a distintos territorios y llevar como ponele el retrato de una maestra desaparecida del pueblo y la dividimos en cuadrícula y la gente o sea cada uno armaba un pedacito mirando a la foto que le correspondía como un método de dibujo muy tradicional, pero con el dibujo y la pintura, entonces después entre todos se armaba la obra colectiva. (Analía Gaguin).*

⁸ Link video aniversario Linhas de Sampa: <https://www.youtube.com/watch?v=qcLxCA6MbCQ&t=644s>

Tras la experiencia de la marcha de 2015, se quedó con un fuerte impacto por el acercamiento de las personas y las cosas que le contaban, y en el transcurso de ese año y principios de 2016, las redes sociales se habían puesto violentas y notaba que había una necesidad de decir las cosas, lo que estaba pasando y sentía que hacía falta espacios que posibilitaran hablar. *Sentí esa necesidad como de generar un espacio desde el bordado, si había algo que tenía muy claro que tenía que ser bordado, que tenía que ser el hilo rojo y que tenía que ser también en pañuelos de hombres.* (Analia Gaguin). Entonces decidió lanzar una convocatoria a mujeres para bordar y a otras personas que quisieran sumarse, pero la mayoría fueron mujeres, se acercaron sus hijas, amigas, alumnas, aquellas mujeres que estaban más cerca de su entorno. La consigna era bordar las frases que la mayoría de las mujeres ya escucharon alguna vez en su vida, frases originadas por la cultura patriarcal y repetidas constantemente por hombres familiares, conocidos y hasta desconocidos.

Organizó una reunión, en la cual se juntaron 50 personas, todas con muchas ganas de armar algo y luego se fueron a la marcha con un total de 300 pañuelos bordados, que también le empezaron a llegar desde distintos puntos del país, gracias a las redes sociales. *Llegaban casi como una carta, venía en un sobrecito y contaba la historia, me venía el pañuelo y con una historia y a veces más de un pañuelo y después las mujeres se juntaban en distintas provincias y me decían acá estamos en Mendoza, en Guaymallén, nos juntamos, somos 6, y se juntaban a bordar los pañuelos y me los mandaban.* (Analia Gaguin).



Imagen 29 Colectivo Dora Morgen⁹



Imagen 30 Colectivo Dora Morgen

⁹ Imágenes del colectivo disponibles en:

<https://www.facebook.com/pages/category/Cause/Dora-Morgen-101520030485568/>



Imagen 31 Colectivo Dora Morgen



Imagen 32 Colectivo Dora Morgen



Imagen 33 Colectivo Dora Morgen

Para Analía el bordado es una técnica que no ofrece resistencia por las personas al practicarlo, a diferencia de otras técnicas como la pintura que notaba que *había mucha como más resistencia de la gente con el tema de la pintura y el dibujo porque lo ponían en un lugar de la formalidad académica que muchos sentían que no le pertenecía.* (Analía Gaguin) El bordado al contrario lo veían como algo más familiar, un recuerdo de las abuelas bordando, como un saber anterior que se tiene incorporado, que quizá no nos

damos cuenta, y eso hace que se lo sienta más cercano y no tengamos miedo de practicarlo. El bordado también nos permite conectarnos con nosotras mismas, porque es una técnica introspectiva, *si o si implica que conectes, que si o si implica que mires lo que estás haciendo y reflexiones sobre eso [...] el bordado implica una conexión profunda con eso que se está haciendo, por eso también me parece que hay algo que es muy reparador del bordado.* (Analia Gaguin)

Lo reparador del bordado para Analia es lo fundamental, su objetivo a través del colectivo es que se repare y a la vez se denuncie las violencias cometidas principalmente a mujeres. El colectivo precisamente se llama Dora Morgen, en homenaje a su madre Dora Morgenlender, quien sufrió una mala praxis ginecológica y estuvo por 16 años en estado vegetativo hasta que falleció cuando Analia tenía 18 años. La creación del colectivo le permitió de cierta forma reparar el dolor que llevaba en relación a su historia, una historia que se refleja en la historia de otras mujeres que sufrieron y sufren distintos tipos de violencias, una oportunidad de dar a conocer ese lugar de violencia, ya que *el lugar de la violencia nunca se nombró como lugar violento.* (Analia Gaguin).

Para Analia el colectivo también es un hecho artístico, al ser ella artista su intención era *generar un elemento potente desde el arte* (Analia Gaguin). Lo colectivo se da por las diferentes voces que se manifiestan a través de cada pañuelo, pero que en realidad no son un grupo formado y que trabajan juntas, tuvo en un principio esa intención, pero algunas personas fueron dejando de participar, entonces las acciones van rotando y diferentes mujeres se van uniendo y otras van dejando de participar en el colectivo. A pesar de eso siente que debe mantener el colectivo, sostenerlo más allá de la gente, digo *más allá de las ganas de participar o no en lo que implica el colectivo, que son acuerdos, son un montón de cosas* (Analia Gaguin); por ello Analia dice que considera al colectivo como una obra de arte suya y la pone en colectivo por medio de las diferentes voces, es un arte-colectivo.

El colectivo *Linhas de Sampa*, por el contrario, es un colectivo que está formado con base en una unidad política y en el cual la participación de sus miembros es continua. Lenira Machado me cuenta que *nós não somos um grupo de bordado, nós somos um coletivo, que tem na carta de princípio, no documento base uma unidade política e é em cima dessa unidade política que nós partimos para bordar panfletos, faixas, estandartes, ou*

os painéis dos indígenas, ou uma coberta pra Dilma ou... em fim ou algum resultado de um trabalho de dedicação dentro de uma perspectiva de que um mundo melhor é possível e que nós lutamos pela utopia. (Lenira Machado).

La historia de cómo surgió el colectivo Linhas de Sampa, está ligada a la historia personal de Lenira, por haber sido presa política junto a Dilma Rousseff, ex presidenta de Brasil.

Sobre el surgimiento del Colectivo Linhas de Sampa, Lenira me contaba en entrevista, que surgió por una casualidad, ella se encontraba en Río de Janeiro, con tres compañeras, cuando una de sus compañeras recibe una llamada telefónica desde Minas Gerais. Su amiga atiende la llamada y de inmediato le pasa el teléfono, era Leda en representación del colectivo Linhas do Horizonte, en palabras de Lenira, *a Leda se apresenta pra mim e diz assim “olha nós queremos bordar alguma coisa pra Dilma”, como eu fui presa política e estive presa com Dilma na mesma cela, ela falou “nós queríamos que você participasse e que mobilizasse outras companheiras da Dilma pra fazer um bordado pra ela”.* (Lenira Machado).

Esa llamada fue entre 2017-2018 y le dejó con mucha curiosidad a Lenira, así que en enero del año siguiente se fue hasta la ciudad de Belo Horizonte, para estar en contacto con las participantes del colectivo Linhas do Horizonte y presenciar el trabajo que realizaban, para saber así en que se había metido por medio de aquella llamada telefónica. *Foi muito gratificante, encontrei um grupo de mulheres combativas, que saíam pra bordar na rua, elas bordavam paninhos, distribuíam pras pessoas que passavam. Fomos fazer um trabalho domingo de manhã na favela, estendemos um varal com vários bordadinhos, na época esses bordadinhos eram bordados simplesmente bordados, posteriormente nos demos um codinome pra eles, panfletos, são nossos panfletos bordados.* (Lenira Machado).

Después de aquel encuentro, empezaron a trabajar de forma conjunta, pero a la distancia, el colectivo desde Minas Gerais y Lenira desde São Paulo, hasta que fueron a participar del Foro Social Mundial en Salvador, *aí juntas no fórum fomos pegadas de surpresa pelo assassinato de Marieli, eu e Leda estávamos no mesmo hotel e imediatamente saímos do hotel, fomos esperar um armarinho, uma loja de aviamentos se abrir e compramos acho 200 metros de fita negra, [...] Cortamos em vários pedaços, fomos pro*

campus da universidade, nos integramos na manifestação de protesto pelo assassinato de Marieli, começamos a distribuir as fitinhas negras, bordamos rapidamente uma faixa, ali mesmo na hora, pra encabeçar a paciata que foi montada dentro do campus, e ai derepente nós nos olhamos e nos perguntamos, acho que... não sei te dizer quem teve primeiro a ideia, por que não criar outras Linhas? E foi dali que eu e Telinha saímos com a tarefa de criar novas Linhas em São Paulo. (Lenira Machado).

Luego hicieron una reunión en São Paulo, con siete mujeres, *foram 3 meses de insistência para que uma não bordadeira, a negação do bordado ne? mobilizasse sete mulheres pra começar a discutir e organizar o que se transformou nas Linhas de Sampa* (Lenira Machado). Lenira dice esto porque me contaba anteriormente que ella nunca había aprendido a bordar y que los trabajos manuales siempre le resultaron difíciles, por eso se auto describió como la “negación del bordado”. Esto fue porque su madre, así como su abuela eran mujeres de Izquierda, e iban en contra de cualquier actividad considerada en la época como actividad femenina y del hogar para sus hijas, como coser, bordar, proponiendoles a cambio que hicieran dactilografía, esgrima u otro tipo de actividad.

Dejo aquí el relato de Lenira: *isso porque minha mãe que já era uma mulher de esquerda e minha avó também... minha mãe chegou a um ponto como tinha muitas costureiras na minha família... minha mãe chegou ao ponto de impedir a entrada de máquina de costura em casa. Ela dizia assim, “a máquina escraviza à mulher, não quero as minhas filhas pedalando”, então quando a gente falava em qualquer coisa pra ela, ela dizia assim, “quer fazer um curso de datilografia? Quer fazer um curso de esgrima? Porque máquina em casa não vai ter”, ela saia de casa pra poder... porque ela costurava, mas ia pra casa das tias dela pra poder usar a máquina de costura e não botar dentro de casa. Então nunca foi uma coisa muito próxima o bordado, nunca foi uma coisa próxima de mim, entende? Alias trabalhos manuais eu sempre tive muita limitação, e a questão do bordado caiu no meu colo sem querer; eu sempre brinco que a culpada foi a Dilma. (Lenira Machado)*

Con la participación dentro del colectivo de bordado, Lenira cuenta que se vio obligada a aprender a bordar por lo menos un poco, pero cuenta que las actividades

dentro del colectivo varían según las aptitudes de sus miembros, hay personas que se encargan de dibujar, a partir de un tema decidido colectivamente y hay otras personas que se dedican a bordar porque tienen más facilidad para realizar esa actividad. Por ello existe un intercambio continuo, ya que el bordado se dá de forma colectiva, *acho que essa é a grande diferença que o bordado que é uma atividade individual, dentro das Linhas o bordado se torna uma prática coletiva, desde a seleção do tema que vai ser bordado, até a divisão do trabalho que é feita até chegar ao panfleto a ser distribuído.* (Lenira Machado).

El panfleto es la mayor forma de comunicación para el colectivo, pero no se restringen solamente a él, en otras ocasiones realizaron paneles bordados, con la temática de las etnias indígenas, que fueron parte de una gran exposición, junto a otras “Linhas”, otros colectivos.



Imagen 34



Imagen 35

Exposição: Pelo Direito de Existir (Linhas de Sampa)



Imagen 36 Linhas de Sampa



Imagen 37 Linhas de Sampa¹⁰

Lenira me cuenta que a partir de la creación del Linhas de Sampa, se fueron creando otras Linhas, otros colectivos en diferentes partes de Brasil. Por ello, crearon lo que llamaron “Novelo de Linhas”, un punto de encuentro entre las diversas Linhas, donde hicieron de su trabajo una actividad más colectiva aún. *Agora mesmo nós estamos com um bordado.... e sempre tem uma linha que assume a coordenação, então agora nós estamos bordando com a coordenação das Linhas do Rio, sobre a memória dos mortos da coronavírus, sobre essa coisa terrível que aconteceu no Brasil do desgoverno genocida e nós estamos documentando isso como memória histórica, com participação de várias linhas de norte a sul, como uma memória histórica.* (Lenira Machado).

¹⁰ Imágenes del colectivo disponibles en: https://www.facebook.com/linhasdesampa/photos/?ref=page_internal

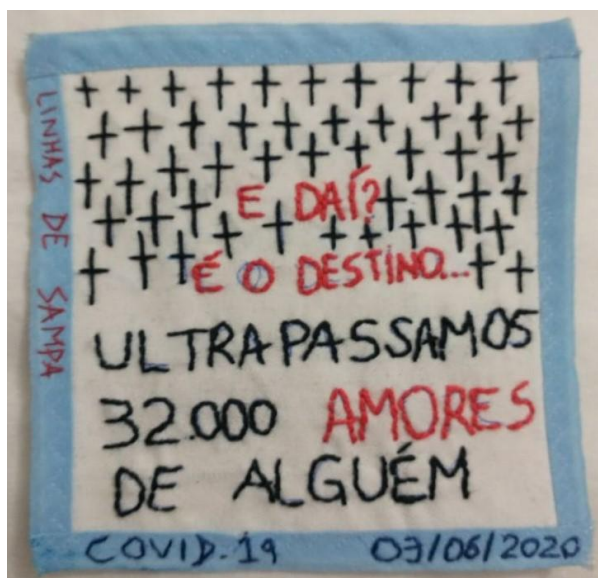


Imagen 38 Linhas de Sampa



Imagen 39 Linhas de Sampa

Otro bordado que hicieron en común, fue una gran alfombra para Lula (ex presidente de Brasil), para cuando saliera de la cárcel, lo bordaron también de norte a sur entre las diferentes Linhas, que actualmente son en torno de quince distribuidas por diferentes ciudades y regiones de Brasil, multiplicándose cada vez más. *Em São Paulo além do Linhas de Sampa, nós temos Linhas de Santos, nós estamos entrando para o interior e pelo litoral, então nós temos Linhas de Sampa que é na cidade de São Paulo, Linhas de Santos que é na cidade de Santos, Linhas do Mar que é no litoral norte em Caraguatatuba, Linhas do Itapeti que é na região do Mogi das Cruzes, onde fica a nascente Itapeti é onde está a nascente do rio Tietê, por isso as companheiras escolheram esse nome. Isso só em São Paulo e agora estamos montando outras, são chamadas, fazem contato conosco e as companheiras se distribuem se organizam para colaborar na montagem desses novos coletivos. E além dos coletivos das Linhas quando o trabalho é do novelo de linhas, normalmente a gente convida outros coletivos de mulheres que não são Linhas e que alguns antecederam a nosso trabalho, que já bordavam, a participarem conosco desses bordados coletivos que a gente faz.* (Lenira Machado).

El colectivo Linhas de Sampa, así como también las otras Linhas, participan activamente apoyando diferentes movimientos sociales y realizando actividades con la comunidad. Lenira me contaba que antes de la pandemia, cuando llevaban los bordados a las calles, invitaban a las personas que pasaban a que se unieran y bordaran

junto. A partir de esas experiencias surgió la idea y la posibilidad de brindar talleres de bordado en diferentes comunidades.

Realizaron un taller en una ocupación del MT del Movimiento del MTST de los Trabajadores Sin Techo. Otro taller lo realizaron en el Armazém do Campo, del Movimiento de los Trabajadores Sin Tierra. Hicieron también un taller por la lucha antimanicomial, en conjunto con Fiocruz (Fundación Oswaldo Cruz), donde se juntaron también los colectivos Linhas do Rio y Linhas do Horizonte. El encuentro fue en Río de Janeiro, en Mangueiras, en la sede de Fiocruz, *então nós fizemos as três Linhas uma oficina e uma exposição em Mangueiras que a gente faz exposições também, essa foi uma exposição de um material produzido por nós a pedido da Fiocruz de Brasília e pela TV Pínel na luta a favor da liberdade aos pacientes, a não internação, ao não isolamento dos pacientes com problemas mentais, o direito a casa o direito à liberdade, porque a liberdade é terapêutica, toda vez que você é oprimido, preso, recolhido, você pode chegar a loucura, então a liberdade é terapêutica.* (Lenira Machado).

Ya durante la pandemia organizaron un taller en formato virtual, en conjunto con el Sesc de São Paulo, donde discutían sobre bordado y cuestiones sociales con los participantes inscriptos. También querían realizar talleres virtuales con las comunidades de los Trabajadores Sin Techo, pero por cuestiones de falta de acceso a la tecnología, en comunidades de más de dos mil personas, donde el foco es recibir y abrigar a las familias que llegan a la comunidad, no pudieron llevar a cabo el taller. Lo que sí planean hacer, me contaba Lenira, es bordar junto a la comunidad el estandarte que identifica a la ocupación. *Uma das ocupações é a Nova Canudos e a da Carolina de Jesus, uma homenagem a Carolina de Jesus. E seria muito gratificante criarmos condições de bordar a faixa, o estandarte dessas novas ocupações em tempos de pandemia.* (Lenira Machado).

Lenira resalta para finalizar, que ninguno de los colectivos de Linhas, está para sustituir los movimientos sociales, sino que funcionan como un apoyo, siendo solidarias con los movimientos. La marca de las Linhas sería un gran S de solidaridad. Los Colectivos son una forma de resistencia, se consideran rebeldes y resistentes, en un sentido de rebeldía de no sujeción al status quo y de resistencia al intentar apoyar, ser solidarias con los diferentes movimientos sociales. *Então quando eu digo que a palavra*

solidariedade está impressa nos corações das Linhas é nesse sentido, entende? somos solidários na resistência, não somos caridosas, não, vemos quem está... temos dentro das Linhas pessoas de várias origens sociais, mas temos quem está na luta, no embate constante, um interlocutor que tem a mesma cara, os mesmos olhos e a mesma boca pra falar e pra gritar um grande não às injustiças sociais. Então apoio ao movimento indígena, apoio ao movimento Negro, apoio ao movimento das mulheres, apoio na luta por reforma agrária, apoio a luta de direito a moradia, fazem parte de nosso vocabulário constante de resistir e lutar: (Lenira Machado).

4.1 UNA ÚLTIMA PAUSA PARA BORDAR

Este último bordado que les voy a compartir, a diferencia de los anteriores que eran para depurar sentimientos y emociones, siento que refleja una conexión que todos tenemos con un colectivo: la naturaleza.

Quizá no nos damos cuenta pero estamos íntimamente conectados a la naturaleza. Es más: somos naturaleza, a un mismo nivel que los demás animales, plantas, musgos y demás seres existentes.

Como mencioné anteriormente, siento una conexión profunda con la naturaleza, con las plantas, y en parte de mis procesos creativos además de hilos están presentes elementos como hojas de plantas, flores secas, tinturas naturales a base de plantas.

Esta obra se llama “venas”, fue mi intento de mostrar una parte de la conexión que veo y siento, una conexión que quizá es la más fácil de percibir. Tomé una hoja de una planta que me gusta mucho del jardín de la casa de mi mamá, a esta hoja se le ven con mucho detalle sus nervaduras, que yo las relaciono como si fueran venas, nuestras venas. Lo que hice fue dejarla secar prensada dentro de un cuaderno, suelo tener varias hojas y flores guardadas y prensadas así. Después de seca, la coloqué al centro de una cartulina negra de tamaño A4, me detuve ahí a observar las venas y ver el recorrido que hacían, luego tomé un hilo rojo fino y una de las agujas más finas que tenía, y como las hojas son extremadamente delicadas es mejor bordar con un hilo fino que con un hilo grueso, porque corremos el riesgo de que se quiebren.

Empecé a bordar dejándome guiar por mi intuición, en un proceso lento y de profunda conexión, conmigo, con la hoja y con la planta que había quedado en el jardín, a varios kilómetros de distancia.

Bordo la hoja, sigo la línea de sus venas, siento nuestra conexión. A medida que voy completando el circuito de la hoja, siento ganas de traspasar sus barreras, salir de la hoja planta para bordar la hoja papel. Creo que ahí vemos las conexiones, las venas de la hoja planta salen de ella y se conectan a nosotras, a todo lo que es parte de la naturaleza.

Dicen que los árboles se comunican por medio de sus hojas y raíces, creo que al bordarlas quiero también comunicarme con ese colectivo naturaleza.

Esta obra, es una invitación a que nos conectemos todas/os con nuestros colectivos más cercanos, empezando por el de la naturaleza. Y que cada una/o desde el lugar que ocupa/habita pueda afectar y dejarse afectar de forma consciente por esos colectivos. Los cambios sociales que muchos buscamos solo se darán si cada una/o desde su individualidad crea una conciencia colectiva. Como ocurre con el bordado, si las puntadas están separadas es difícil formar una figura o que ésta pueda notarse, pero si las puntadas se unen podemos formar algo muy potente.



Imagen 40 Venas, Gabriela Minuzzo



Imagen 41 Venas, Gabriela Minuzzo

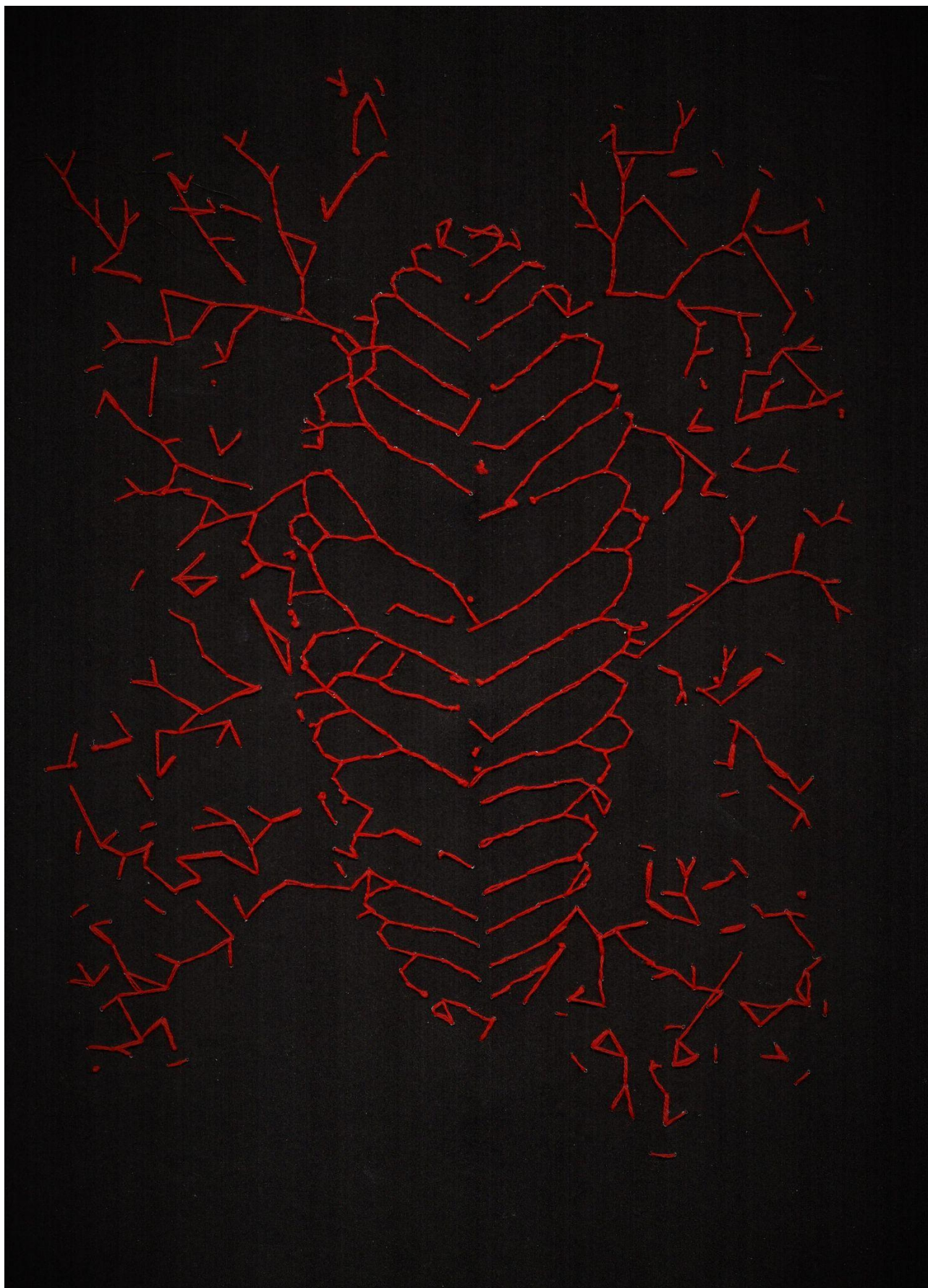


Imagen 42 Venas, Gabriela Minuzzo

Este trabajo concluye aquí, pero mis procesos creativos e investigaciones continúan. Este recorrido generó muchos cambios en mí, ya no soy la misma persona que daba aquellas primeras puntadas en el texto, y espero que su lectura también te haya abierto nuevas perspectivas y que al finalizarla, algo dentro tuyo haya cambiado.

Espero que este trabajo invite a que te animes a buscar dentro de vos todos esos procesos que quieren salir, que te animes a crear e investigar, a partir del lugar que habitas, a partir de aquello que te mueve a la vida; a mí lo que me mueve es el bordado ¿y a vos?

5 REFERENCIAS

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CINTRA, Fernanda do Nascimento; MESQUITA, Cristiane Ferreira. Design, bordado e resistência: entre Zuzu Angel e Linhas de Sampa. DAPesquisa, Florianópolis, v. 16, p. 01-26, jun. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5965/18083129152021e0019>

DERDYK, Edith. Linha de costura. 2º edição. Editora c/arte. Belo Horizonte, 2010.

DERDYK, Edith. Linha de horizonte: por uma poética do ato criador. 2º edição. Editora Intermeios. Abril de 2012.

DIAS, Marina de Aguiar Casali. BORDADO E SUBJETIVIDADE: O BORDADO COMO GESTO CARTOGRÁFICO. Palíndromo, v. 11, n. 23, p. 50-61, janeiro de 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/2175234611232019050>

HECK, Silvane Ines; SCHEMES, Claudia; CONTE, Daniel. O bordado como morada e local de fala da mulher: exposição “Mulheres de Luta”, do projeto Bordado Empoderado. ESTUDIOS HISTÓRICOS – CDHRPyB - Año XI - Julio - 2019 - Nº 21 – ISSN: 1688-5317. Uruguay

MALO, María del Carmen Gila. TRINIDAD MORCILLO COMO REFERENTE DEL DIBUJO REALIZADO MEDIANTE EL BORDADO CON CABELLO. Laboratorio de Arte, 26 (2014), pp. 485-492, ISSN 1130-5762 Universidad de Granada, España. <http://dx.doi.org/10.12795/LA.2014.i26.28>

MALO, María del Carmen Gila. Trinidad Morcillo Raya: obra personal de una artista desconocida de Granada. ARENAL, 22:2; julio-diciembre 2015, 267-281. BIBLID [1134-6396(2015)22:2; 267-281]

MORA, Valentina Castillo. Memorias (des)bordadas: el bordado como máquina de escritura para una expresión feminista. Proyecto de Diseño experimental para optar al título profesional de Diseñadora Gráfica. Universidad de Chile, Facultad de Arquitectura y Urbanismo, Escuela Única de Pregrado, Carrera de Diseño. Septiembre, 2018.

NOCHLIN, Linda. Por que não houve grandes mulheres artistas? Tradução autorizada pela autora. 2º edição. Edições Aurora / Publication Studio SP. São Paulo, 2016.

SOUSA, Juliana Padilha de. RECTO | VERSO: A invisibilidade do bordado e a poética do avesso no trabalho de Cayce Zavaglia. In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.3173-3185

SOUSA, Juliana Padilha de. TRAMAS INVISÍVEIS: Bordado e a Memória do Feminino no Processo Criativo. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestra em Artes. Belém – Pará, 2019.

REVISTAS Y BLOGS

ABALO, María. **CRAFTIVISM, EL ARTE DE PROTESTAR CON AGUJA E HILO.** Cousiñas Magazine. Junio de 2018 Disponible en: <https://bycousinas.com/craftivism/>

CADENAS, Laura. **EL CRAFTIVISMO CÓMO LUCHAR POR UN MUNDO MEJOR A TRAVÉS DE LA ARTESANÍA.** "It, agosto de 2017 Disponible en: <https://www.itfashion.com/moda/el-craftivism-o-como-luchar-por-un-mundo-mejor-a-traves-de-la-artesania/>

FRONTERA, Agustina Paz. **El bordado político.** Mayo, 2017. LATFEM Disponible en: <https://latfem.org/el-bordado-politico/>

NAVARRO, Cata. **Bordar: más que un arte, una forma colectiva de expresión política.** Zancada, junio de 2017 Disponible en: <https://www.zancada.com/bordar-mas-que-un-arte-una-forma-colectiva-de-expresion-politica/>

VOGUE. **Introducción al 'craftivism': cuando un bordado se convierte en un arma política.** Noviembre de 2017. Disponible en: <https://www.vogue.es/living/articulos/craftivism-movimiento-activismo-bordados-punto-de-cruz/31765>

REFERENCIAS ARTÍSTICAS

Analía Gaguin, artista plástica y profesora de arte de Buenos Aires. Para conocer a la artista ingresa en: <https://linktr.ee/AnalíaGaguin>

Arpilleras. Colección del Museo de la Memoria y los Derechos Humanos. Santiago de Chile. Para ver las imágenes ingresa en: https://web.museodelamemoria.cl/wp-content/files_mf/1579803590ARPILLERAS_2ed.pdf

Colectivo Dora Morgen. Para saber más del colectivo ingresa en: <https://www.instagram.com/doramorgenarte/>

Coletivo Linhas do Horizonte. Para saber más del colectivo ingresa en: <https://www.instagram.com/linhasdohorizonte/>

Coletivo Linhas de Sampa. Para saber mas del colectivo ingresa en: <https://www.instagram.com/linhasdesampa/>

Jayoung Yoon, artista china. Para conocer a la artista ingresa en: <https://www.jayoungart.com/hair-sculpture/individual-works>

ANEXOS

ANEXO A – ENTREVISTAS

ENTREVISTA A ANALÍA GAGUIN

27/07/2021

AG: Analía Gaguin

GM: Gabriela Minuzzo

GM: La primera pregunta sería, ¿cómo aprendiste a bordar y con quien?

AG: En realidad... o sea yo me crié en una casa, donde vivía mi abuela paterna, en la parte de arriba de mi casa, donde ella tenía un taller de alta costura, pero era como que hacían más vestidos de novia... viste... vestidos de fiesta, pero era como un lugarcito para mi bastante mágico, no es que me enseñó a bordar pero si pude ver como algo de la práctica de lo que tenía que ver con el hacer manual con lo textil que lo tenía como muy cerca, entonces yo creo que ese fue como el primer acercamiento por lo menos... que no tengo recuerdos de aprender a bordar, pero tengo recuerdos ahí de ver hacer, porque hay muchas terminaciones que eran a mano de los vestidos, entonces sí tenía como esa cosa de mirar y siempre me gusto mucho. Y siempre me gusto mucho, si bien desde muy chiquita estudiaba dibujo, pintura y que se yo, lo que me gustaba mucho era el trabajo manual, entonces habia algo ahi que me salía o porque me metia, y en la adolescencia empecé bordando en la ropa, como iba a una escuela de arte ¿viste? se podía llevar esas cosas y era intervenir mis cosas, ahí fue como mi acercamiento más fuerte con el bordado, pero muy orgánico ¿viste? no era que dije voy a aprender, era como probando cosas fui.. Después, bueno yo hice la escuela de cerámica, la escuela nacional de cerámica acá y soy aparte docente de grado, o sea docente de primaria y siempre como estudiaba arte por mi cuenta, por mucha... o sea en muchos talleres y que se yo, para poder dar plástica en las escuela tenía que hacer... tuve que hacer un profesorado más que era el de... lo que después se llama artesanal... educación artesanal y técnica, donde hay mucho de trabajo manual, antes era actividades prácticas, ahora es tecnología, bueno

pero es como que va mutando pero en realidad la base de eso era mucho el trabajo manual y era algo que a mi me... bueno, para poder dar cerámica en la escuela en ese momento hace muchos años, eso era una condición y dije bueno lo hago porque no, como me resultaba algo muy a fin también y ahí hubo también más prácticas que también tenían que ver con lo textil mucho, tanto el bordado como el tejido, como bueno el telar, que se yo cosas de lo... porque también porque ese profesorado se puede trabajar tanto en adultos como educación especial, como en secundaria, entonces bueno abre mucho el espectro ¿viste? en educación no formal, y entonces había como como la cuestión artesanal siempre tenía que ver más también con eso. Y después como calidad de obra, empezó en el 2008 ponele como... pero más por ahí, porque encontré algo más contemporáneo, que era el bordado chino, ruso, o sea hacia como arte textil pero bueno el bordado entra más ahí como más fuerte, yo hacía pintura, bueno escultura, porque venía de la cerámica, que se yo pero como igual yo siento que cuando le encontré la posibilidad de la obra, mi obra todo se puso como más fuerte, como que ahí dije esto soy ¿viste? como que eso me pasó, como que ahí un poco... y ahí bueno nada se potenció mucho más, ni hablar de poder meterlo también en la cuestión social ¿no?

GM: ¿Cómo sentís la experiencia de bordar?

AG: Bueno, lo que tiene el bordado, me parece y bueno lo marco a diferencia de la pintura y la escultura y demás... yo venía trabajando en un colectivo... siempre puse mi práctica en la cuestión de la militancia o la cuestión social ¿no? y venía en un colectivo de derechos humanos, trabajando con la cuestión de los desaparecidos en la Argentina, haciendo retratos con la gente, arte y memoria colectiva, entonces lo que hacíamos era como ir a distintos territorios y llevar como ponele el retrato de una maestra desaparecida del pueblo y la dividimos en cuadrícula y la gente o sea cada uno armaba un pedacito mirando a la foto que le correspondía como un método de dibujo muy tradicional, pero con el dibujo y la pintura ¿no? entonces después entre todos se armaba la obra colectiva y bueno... pero había mucha como más resistencia de la gente con el tema de la pintura y el dibujo porque lo ponían en un lugar de la formalidad académica que muchos sentían que no le pertenecía y el bordado tiene esa práctica mucho más eh...no digo intuitiva

porque no hay... o sea hay cuestiones intuitivas pero me parece que hay algo como social con el lugar del bordado que por lo menos a mi lo que me hace sentirme más cerca de las cuestiones de la gente es que lo toman como una práctica sin tanto miedo, hay algo como que se sabe del bordado ¿viste? es como algo como si te dijera... un saber anterior que nadie se da cuenta que lo tiene y que si no lo sabe como el bordado que se pide es subir y bajar como si fuera dibujando con líneas ¿no? porque yo lo tomo también así en mis prácticas docentes, digo, como no hace falta eso y ni hablar de la cuestión colectiva como lo que pongo ahí es algo más de que... de lo que se dice... entiendes y no como se dice, pero nunca ofrece resistencia, más bien todo lo contrario. Y como en los lugares como también más humildes si se quiere, el bordado siempre fue una práctica también como el textil muy fuerte, por la manufactura de la cuestión de la venta y la ropa y que se yo, muchas, sobretudo las mujeres lo tienen como algo muy incorporado, entonces eso que se siente con el bordado, permite por lo menos para mi, en lo social sobre todo, me permite habilitarme un lenguaje con las otras, con los otros sería, porque son mujeres pero hay de todo, o sea siempre lo pensé más para la mujer pero porque es una cuestión de la violencia de género que a mi me interesaba denunciar o por lo menos poner ahí en palabra escrita y bordada, pero si no tambien me acercaba mucho a eso, entonces el bordado ahí tiene una cosa que es de introspección, de una manufactura de que si o si implica que conectes, que si o si implica que mires lo que estás haciendo y reflexiones sobre eso, como que... no hay algo que se pueda... yo lo que siempre digo cuando hago una cuestión colectiva con el tejido, la gente puede tejer... yo que soy que tejo rápido, puedo estar charlando con vos y tejiendo, no lo podría hacer bordando, o sea el bordado implica una conexión profunda con eso que se está haciendo, por eso también me parece que hay algo que es muy reparador del bordado, muy... algo esto de la sutura ¿no? de entrar y salir y saber que estás entrando y saliendo y que lo que vas a dejar de gesto tiene mucho que ver con eso de la reparación también.

GM: Otra pregunta sería ¿Cómo te definís en la práctica del bordado?

AG: Eh... mirá a ver... yo en general lo que me defino es como... para mi el bordado no está separado en lo que soy en el resto de las cosas, como artista, como

docente, sobretodo yo hace 30 años que soy docente entonces eso para mi me define por condición porque lo que hago es habilitar a los otros tanto chicos como grandes a expresarse, entonces para mi el bordado me define de la misma manera, como lo uso... tanto sea una herramienta de expresión y me permita componer un lenguaje de comunicación, en general trato de que tenga una poética, así sea que esté siendo lo más crudo eh... intento que lo que me defina tenga que ver con la poética, aunque sea la lucha... yo creo que hay algo que me pasa también con el bordado es que la gente lo recibe de una manera amorosa, porque es bello de por sí, es algo que uno creció con cosas muy amorosas bordadas como las toallitas, las servilletas, las cosas que tenían un gesto amoroso de parte de las mujeres en general, pero que había plasmado algo como para que todo se embellezca ¿no? entonces para mi lo que me parece que cualquier práctica que haga con respecto al bordado tiene que tener una poética y también esa poética ayuda a que el resto la tome y la incorpore por más crudo que sea. Es como que... me pasó también con mi bordado político... es que porai en manifestaciones donde hay mucha gente y muchas banderas y no sé... distintas maneras de hacer banderas, digamos... negras con rojo con agujeros y que se yo... en los bordados del Colectivo Dora Morgen, la gente se acerca y se queda mirando, por más que después se ponga a llorar digamos, porque lo que pasa es más fuerte, pero hay algo conmovedor de eso que te acerca, entonces a mi me define lo que acerca, eso.

GM: Si, me parece totalmente que el bordado es algo más que te trae eso ¿no? el recuerdo también a las abuelas, entonces es como que te hace más familiar y también no tiene esa presión como decías ¿no? del dibujo y la pintura, del gran arte ¿no?

AG: Si, de hecho no está, en bellas artes no ves bordado, por ahí ahora si, porque se puso en el arte contemporáneo como... y bueno hay muchos artistas que trabajan con el bordado, pero no estaba puesto en el lugar académico desde ese lugar, si no que estaba más puesto en lo manual, en la manufactura artesanal y eso tiene otra mirada, uno puede tomar esas miradas y darles otra vuelta, eso es lo interesante, pero por eso también lo descargaba de cosas que por ahí podían como ponerle una presión, entonces ahí me parecía que eso acercaba mucho más a la práctica.

GM: Otra pregunta que seguiría con lo que estamos hablando es ¿Cómo ves al bordado en la actualidad? ¿Cómo lo complementarías?

AG: Si, como algo muy interesante, me parece que es un lenguaje que yo, si bien lo practico hace mucho tiempo ya, porque bueno le vengo poniendo como distintas intenciones, tanto en la obra como más plástica descargada digamos de la denuncia como en la obra de la denuncia, siento que el bordado se metió en las... no solo aca digo en la Argentina eh... porque me parece que está en América latina como un elemento muy fuerte para la resistencia por sobre todo ¿no? y también para la estética digamos como que hay algo que empezó a incorporar lugares y a ocupar lugares que me parece que viene pisando super fuerte, eh... y ya no siento como que... porque a veces hay cosas que son tendencias de moda ¿no? como... y si bien puede ser como una cuestión de la moda, viste que hay cosas que te ponen como la cerámica (.....) yo siento que el bordado ocupa un lugar que es para quedarse, como para quedarse, crecer y bueno ni hablar del bordado social ¿no? como lugar de anclaje social y si lo veo pisando super fuerte, lo veo como un lugar que... está ocupando un lugar que a mi me llena de alegría digo, si porque me parece que se ponen otras de manifiesto que te permiten llegar a más gente, entonces ahí eso sí me da alegría, tener la posibilidad de dialogar con algo tan ancestral y tan fácil ¿no? porque yo ponele, cuando hago encuentros de bordado lo que me pasa es que si no lo terminan en el encuentro se lo llevan y despues me lo mandan, entonces... y también se puede terminar en un encuentro, eso no pasa con la cerámica, no pasa con las cosas que necesitan como otra elaboración, entonces a mi me permitía también generar como... en la obra... tener esa posibilidad de crecimiento en la obra colectiva eh... como mucho más potente, porque no necesitas esa cosa demorada en el tiempo, podía ser una cosa más gestual también, del que lo resuelve rápido o que... entonces la verdad que a mi me parece que eso sí está ocupando un lugar bastante de primera plana te diría, como... Está bueno.

GM: Si, si, totalmente. Antes buscabas bordado y no te aparecia nada, ahora buscas bordado y te aparece un montón de colectivos, un montón de bordadoras, y ahí

surge también una cuestión que estaba pensando trabajar en el TCC, en la tesis, en portugués se dice TCC, trabajo de conclusión de curso (...) bueno una de esas cuestiones que también me planteé de pensar cómo viene evolucionando el papel del bordado y el papel de la mujer en la sociedad, entonces ver también esa cuestión de artista/artesana porque muchas veces... muchas veces no, en realidad generalmente siempre lo textil, el bordado, fue considerado como artesanal y bueno y ahora como que viene a tener ese papel de arte, entonces también eso es mucho de lo que quiero hablar y ver en mi tesis.

AG: Eso es interesante también ¿no? como ponerlo en el lugar en el que está ocupando también, que a parte también me parece que hace que... cambia el rol de la mujer actual ¿no? como... me parece que esta cuestión expresiva del bordado que está ocupando ahora también es la misma que nosotras estamos ocupando, en una sociedad que denuncia, que no nos callamos ¿no? como que nos ponemos en otros lugares también, no queremos ocupar más ese lugar de esa mujer pasiva que se encontraba con las amigas a bordar, si no que también salir... yo siempre lo que digo es lo que yo intento hacer en lo colectivo es salir de lo doméstico para ocupar lo público.

GM: Y es como eso... como que el bordado o lo textil antes era lo doméstico y ahora es un elemento de lucha ¿no? de reivindicación de derechos, entonces me parece muy potente digamos. Una pregunta también sería, mas personal a parte de lo colectivo sería si expones tus trabajos y o cómo difundís digamos tus producciones.

AG: Bueno mucho las plataformas... si, si expongo mis trabajos y bueno el instagram, así como me encontraste vos, digo es como uno de los canales, las redes son los canales para difundir que tengo más sobre todo y es como muy fácil de encontrarme en general, salvo que no haya visto algún mensaje o que alguien... en general estoy muy dispuesta a eso, entonces si hay alguna invitación, alguna participación para algo personal yo en general estoy como muy disponible y... si, si en las redes, en las redes es donde muestro más el trabajo, a veces guardo algunas cosas, porque no es que muestro todo lo que estoy haciendo, porque a veces hay cosas que quiero que se maduren para después mostrarlas, a veces hay cosas que las muestro más en crudo porque me gusta

tambien eso y ver qué pasa ahí, porque también lo tomo como intercambio, es lo que va y vuelve, entonces no es que tengo que tener todas fotos terminadas como de muestra, no a veces pongo algo como más... yo soy bastante... genuina como en general como... siento una cosa como se ve... lo que ves en las redes es lo que vas a encontrar después, es raro que veas algo que después no sea, lo mismo que me lees, a mi me gusta escribir también, la misma manera que tengo de escribir en las redes es la misma manera que te voy a contar ahora y él mismo modo que me dedico a la educación con el mismo modo, digo como que hay algo que ahí... entonces lo que produzco en general las redes es un gran canal de comunicación, sobre todo para que el resto conozca el trabajo.

GM: Sí creo que con las redes conseguimos abarcar lugares que antes no se podría ¿no? entonces como que es una muy buena herramienta.

AG: Claro, claro, tal cual. Bueno de hecho con la cuestión de la pandemia estamos todos conectados al mismo tiempo, en distintos lugares del mundo y es muy raro eso también ¿no? las redes.

GM: Por un lado te cansa, pero por otro es una forma de estar cerca.

AG: Sí es una forma de acercamiento, de red de verdad, es como estar en un mismo tejido.

GM: ¿Tenes la costumbre de firmar tus trabajos o como te identificas en los bordados?

AG: No, no los firmo. Es muy raro, salvo alguna cosa muy puntual, pero no, si es más una cosa más de... o de donación o de venta en general bueno se firma como la autenticación, que es algo de que la obra... la certificación, pero si no no lo firmo. No... es difícil eso, ya me parecía difícil en la pintura, en el bordado es re difícil, porque la firma es como que ocupa un lugar... yo lo que si confio mucho, si bien que otro puede

apropiarse de eso y que se yo, es que uno va gestando identidad también, la gente va reconociendo lo que uno hace y hay que confiar en eso. En que la gente se va dando cuenta o vas reconociendo o te suena, uy eso es re tal... ¿no? como... uno va como poniendole forma. Si la cuestión colectiva que hice ni hablar y en lo personal también, siento que uno va encontrando una manera de mostrar su modo de ser y a veces querés hacer variaciones de eso y te vuelve él mismo modo y bueno eso ¿no? ...

GM: eh.. bueno ya finalizando un poquito las preguntas eh... hablar ahora sobre la cuestión política digamos que es lo que más se va a centrar mi tesis, que bueno ya veo en tus trabajos que si, pero bueno para que quede en la entrevista... ¿ves al bordado con una dimensión política o ves al bordado como una forma de resistencia?

AG: Reafirmo un poquito lo que te vengo contando y siento como que cada vez lo veo más, o sea si había ya manifestaciones en México, en Chile ¿no? con cosas del bordado como resistencia política, de distintas maneras ¿no? pero yo lo mismo que te decía antes, es que como lo que encuentro en el bordado por lo menos en mi práctica del bordado político, es la posibilidad de acercarme a mayor cantidad de mujeres en este caso o incluso varones, porque yo incluí a los varones también en el colectivo, después bueno básicamente quedaron como mayoría mujeres en la necesidad de decir, porque a parte era una cuestión más de genero lo que yo quiero denunciar, pero lo que siento ahí es que... es que se genera una cosa muy potente desde la imagen visual en la denuncia, por eso siento que ahí se ve la resistencia, cuando vos ves una obra tan potente con un cosa tan sutil, eso le pone más potencia a la obra, porque no siempre es como un grafiti en negro, puesto de una manera, lo digo porque aveces uno lo tiene ya como muy incorporado desde la resistencia gráfica, las letras grandes, puestas aveces sobre fondos amarillos o negros que bueno digo son impactantes, yo necesito como decia antes la cuestión de resistencia más poética, porque mi practica es más poética, mi manera de ser lo es, y porque siento que la poética va a lugares donde el resto de la gente... no son tan directos, sino que son más sutiles, entonces puede atravesar capas, más capas de esa persona para modificar cosas que le están incomodando. Entonces cuando pasa eso también... me pasó bueno porque la práctica en estos años con el bordado político es...

un montón de gente que pudo también llegar a lugares que no había llegado nunca en su vida, incluso a decir cosas que las tenía hace 45 años guardada, entonces ahí siento que tiene.. y también con esto ¿no? como mis modos de estar en un grupo, en un trabajo, digo ahí cuando yo voy a dar una charla y lo pongo en palabras y cómo llegamos a decir lo que decimos, me parece que el bordado tiene un impacto que puede atravesar capas de los seres humanos, generar como algo más profundo, realmente más de sutura, entonces me parece que ahí hay algo que de por sí lo pone reparador y visibilizar sobre todas las cosas.

GM: Sí es como algo terapéutico ¿no? también, porque te juntas en grupo, estás ahí, como una meditación también...

AG: Es una meditación, yo siempre digo el bordado es una meditación, es un mantra, es su propio mantra, porque cuando estás sola con tu propia respiración o con lo que te vas diciendo y eso hace como algo que por sí ya es reparador, cuando estás en grupo lo que va sucediendo con el grupo, con el resto que va contando cosas al bordar y sobre todo que eso te permita dejar un registro bordado de algo que querés denunciar o poner en palabras o un sufrimiento, si siento que ahí es mil veces mas... eh potente como elemento de visibilización.

GM: Bueno, ahora me podrias contar un poquito sobre el Colectivo?

AG: Bueno, en el 2016, en mayo del 2016, había... yo había... faltaba poquito para la segunda marcha del ni una menos acá en la Argentina como algo que había sido muy fuerte en el 2015, como manifestación de las mujeres sobre todo en este momento, sobre la violencia, sobre los feminicidios, bueno algo que venía muy muy potente. La marcha en 2015 había sido muy fuerte y yo había ido con el colectivo de arte y memoria y mi rol en ese momento había sido como de interactuar con las mujeres, ahí escribimos, no estábamos pintando un rostro, si no que poníamos unas cosas escritas porque era como más... había mucha gente. Y bueno, a mi me quedó como mucho impacto esa cosa del acercamiento y lo que me iban diciendo, como que había algo de esta interacción que

eso... como que habilito también de la manera que el otro se me acerca y me cuenta y demás ¿no? y bueno y después durante todo el 2015 y comienzos del 2016, estaba como muy... las redes sobre todo como muy violentas, con mucha necesidad de decir y yo por lo menos sentía como que faltaban algunos espacios para decir, como que había... siempre hubo y hay un montón de colectivos y manifestaciones, pero yo sentía que había algo que todavía... no se, sentí esa necesidad como de generar un espacio desde el bordado, si había algo que tenía muy claro que tenía que ser bordado, que tenía que ser el hilo rojo y que tenía que ser también en pañuelos de hombres ¿no? entonces ahí hice como que una convocatoria a bordar a las mujeres y a los varones, pero la mayoría eran mujeres que tenía como que más cerca y eran mis hijas, mis alumnas, las madres de mis alumnas, mis amigas, digo las que tenía como más... hice una reunión y a los poquitos días vinieron y vinieron 50 personas, todas como que muy ávidas de armar algo con esto ¿no? de generar algo. Fuimos a la marcha, hicimos con 300 pañuelos que me llegaban de todo el país, fue como muy impactante porque lo que si pasaba era como esta necesidad de decir ¿no? con el bordado, porque a parte como te decía, llegaban casi como una carta, venía en un sobrecito y contaba la historia, me venía el pañuelo y con una historia y a veces más de un pañuelo y después las mujeres se juntaban en distintas provincias y me decían acá estamos en Mendoza, en Guaymallén, nos juntamos, somos 6, y se juntaban a bordar los pañuelos y me los mandaban. La cuestión colectiva... después las acciones iban rotando, distintas mujeres, no es que todas quedaban, por ahí hacían una acción, por ahí estaban en varias, pero después bueno... Después también lo que pasó con el colectivo que fue ocupando lugares, porque es un hecho artístico, yo soy artista y es como... mi intención era cómo generar un elemento potente desde el arte, entonces el colectivo se logra por la cantidad de voces que hay en cada pañuelo, pero en realidad es una obra mía que la pongo en colectivo por la cantidad, no es que somos un colectivo que trabajamos y nos juntamos... tuvo esa intención, después la gente se va cayendo y yo dije esto lo tengo que sostener más allá de la gente, digo más allá de las ganas de participar o no en lo que implica el colectivo, que son acuerdos, son un montón de cosas. Tengo a alguien si que por ahí está como más fiel que es una amiga aparte, entonces... pero en general soy yo la que doy las charlas, la que voy a los lugares, soy la que viajo y la que sostiene porque a parte lleva el nombre de mi mamá el colectivo, entonces yo necesite poner ese nombre, reivindicar ese nombre, porque a parte fue para mi una de las

mujeres que conozco que recibió una violencia como más tremenda, entonces es como... y desde la violencia médica en ese sentido y que se yo pero eso trajo mucha violencia - vos ya conoces como es la historia - pero digo como más de 16 años en estado vegetativo por una mala praxis, entonces y eso también en un momento que... ahora también sucedería, pero digo en un momento en que nadie hablaba de eso y que siempre quedó como... el lugar de la violencia nunca se nombró como lugar violento, yo le puse como también en manifiesto, porque me parecía también que cuando uno, cuando una nombra también hay una posibilidad de que se reparen o que se visibilicen, porque eso es lo que más me interesa, un montón de otras violencias, entonces esa es mi intención mayor con la cuestión colectiva es que se desenmascare, se manifieste, se denuncien, para poder con eso generar algo reparador... y bueno esa es mi intención sobre todo con la cuestión colectiva y yo siento que no tiene techo esto, es como que hay algo que se sigue, porque me siguen llegando a cada tanto... En el 2019 antes de la pandemia viaje un montón al interior, fui como convocada por distintas asociaciones, sobre todo los colegios de psicólogos y demás, porque bueno ellos trabajan mucho con la palabra también, entonces es como algo que... y es un dispositivo que tiene mucho alcance y después bueno en distintos lugares ¿no? y con los colectivos también en el que hacemos distintas manifestaciones, pero me parece que eso desde lo colectivo que es una práctica que sigue como creciendo y como que fortaleciéndose también.

ENTREVISTA A LENIRA MACHADO

27/07/2021

LM: Lenira Machado

GM: Gabriela Minuzzo

GM: Queria perguntar para começar, como você aprendeu a bordar e com quem?

LM: Você começou com uma pergunta muito difícil pra mim, eu nunca soube bordar. Você imagine alguém de ciências sociais e você imagine que eu ficava sempre de segunda época em trabalhos manuais por não conseguir bordar. A minha avó... muitos dos meus bordados, tarefas de casa, era minha avó que fazia, porque eu era uma nulidade, então a questão... sempre achei muito bonito, sempre gostei de ver, as mulheres da minha família sempre bordaram muito, mas eu sempre fui uma nulidade. Isso porque minha mãe que já era uma mulher de esquerda e minha avó também... minha mãe chegou a um ponto como tinha muitas costureiras na minha família... minha mãe chegou ao ponto de impedir a entrada de máquina de costura em casa. Ela dizia assim, “a máquina escraviza à mulher, não quero as minhas filhas pedalando”, então quando a gente falava em qualquer coisa pra ela, ela dizia assim, “quer fazer um curso de datilografia? Quer fazer um curso de esgrima? Porque máquina em casa não vai ter”, ela saía de casa pra poder... porque ela costurava, mas ia pra casa das tias dela pra poder usar a máquina de costura e não botar dentro de casa. Então nunca foi uma coisa muito próxima o bordado, nunca foi uma coisa próxima de mim, entende? Alias trabalhos manuais eu sempre tive muita limitação, e a questão do bordado caiu no meu colo sem querer, eu sempre brinco que a culpada foi a Dilma. E aí se você quiser saber a história de como tudo começou eu posso te contar agora. Mas antes eu vou fazer uma reflexão, eu acho que cada vez mais eu entendo que o bordado historicamente tem uma função política na vida das mulheres, seja pra aliená-la da atuação social ou seja integrá-la no mercado de trabalho, seja como um manifesto. A mulher de classe média e alta que bordava lindos panos pras igrejas e sapatinhos com fios de ouro pra alguma santa, ela estava procurando alguma função social ou a forma de inserção dentro da sociedade.

Depois mais tarde quando a mulher vai entrar no mercado de trabalho, como era vedada a cultura, vedada a busca de uma profissão, o espaço que surge pra ela imediatamente é o bordado. Se você olhar na França, as mulheres que faziam chapéus lindíssimos e faziam luvas, que bordavam as roupas íntimas com ponto ajour, foi uma forma de inserção no mercado de trabalho. Aí posteriormente o bordado vai assumindo outras funções sociais e se a gente chega nas arpilleras no Chile a gente já nota uma atuação política diferente da nossa forma de atuação aqui no Brasil, mas já uma atuação com caráter político. E nós surgimos do acaso, foi o acaso que nos levou, eu estava no Rio de Janeiro, eu moro em São Paulo, estava no Rio de Janeiro com três companheiras quando toca o telefone de uma das companheiras, era uma ligação de Minas Gerais, a Telinha atende a ligação, passa o telefone pra mim e a Leda se apresenta pra mim e diz assim “olha nós queremos bordar alguma coisa pra Dilma”, como eu fui presa política e estive presa com Dilma na mesma cela, ela falou “nós queríamos que você participasse e que mobilizasse outras companheiras da Dilma pra fazer um bordado pra ela”, isso foi em 2017-2018, eu falei “bom bordar eu vou bordar muito pouco, mas no que eu puder ajudar eu topo”, e foi assim que eu entrei em contato com as Linhas do Horizonte. Esse contato me levantou muita curiosidade, aí quando foi em janeiro do outro ano eu fui pra Belo Horizonte, pra conviver com as companheiras das linhas do horizonte e ver in loco o trabalho que elas faziam, conhecer mais aonde eu estava, entende? Aonde eu tinha entrado por telefone e foi muito gratificante, encontrei um grupo de mulheres combativas, que saiam pra bordar na rua, elas bordavam paninhos, distribuíam pras pessoas que passavam. Fomos fazer um trabalho domingo de manhã na favela, estendemos um varal com vários bordadinhos, na época esses bordadinhos eram bordados simplesmente bordados, posteriormente nos demos um codinome pra eles, panfletos, são nossos panfletos bordados. E a Linhas do Horizonte tinha uma carta de princípio que começava “Somos mulheres... homens e mulheres...” porque as Linhas não são um movimento feminista, há muitos homens que participam com a gente. Então a carta em princípio começa, “Somos militantes de esquerda suprapartidários, homens e mulheres que lutamos por liberdade justiça e democracia”, e aí a carta ia nesse tom, provavelmente você já leu essa carta, porque essa carta depois foi adotada também pelos Linhas de Sampa, mas seria interessante você dar uma olhada nas Linhas do Horizonte porque está ali a versão original da carta. Aí comecei a fazer esse trabalho junto com elas embora a

distância, elas em Minas, a Telinha também que foi presa política, também foi companheira da Dilma no Rio de Janeiro, Mineira mas radicada no Rio e eu em São Paulo, até que nós fomos para o fórum social mundial em Salvador, aí juntas no fórum fomos pegadas de surpresa pelo assassinato de Marieli, eu e Leda estávamos no mesmo hotel e imediatamente saímos do hotel, fomos esperar um armarinho, uma loja de aviamentos se abriu e compramos acho 200 metros de fita negra, eu vou te colocar porque essa não saiu do meu braço até agora, não sei se está dando pra você ver?

Cortamos em vários pedaços, fomos pro campus da universidade, nos integramos na manifestação de protesto pelo assassinato de Marieli, começamos a distribuir as fitinhas negras, bordamos rapidamente uma faixa, ali mesmo na hora, pra encabeçar a paciata que foi montada dentro do campus, e aí de repente nós nos olhamos e nos perguntamos, acho que... não sei te dizer quem teve primeiro a ideia, por que não criar outras Linhas? E foi dali que eu e Telinha saímos com a tarefa de criar novas Linhas em São Paulo. A experiência da Telinha ela poderá contar para você se você conseguir entrevistá-la, mas em São Paulo nós fizemos uma reunião com sete mulheres, foram 3 meses de insistência para que uma não bordadeira, a negação do bordado né? mobilizasse sete mulheres pra começar a discutir e organizar o que se transformou nas Linhas de Sampa.

GM: Muito interessante tudo como foi surgindo, nossa acho que todas as perguntas que eu tinha foram sendo respondidas, de uma maneira muito linda, muito interessante toda essa questão política e de luta, eh bom...

LM: Gabriela, eu vou fazer só uma complementação, que eu acho importante fazer nesse momento, desculpa. As Linhas que hoje são em torno de quinze no Brasil inteiro, todas elas tem certeza de uma coisa, nós não substituímos os movimentos sociais, nós somos apoio, nós somos solidariedade, acho que a marca de todas as Linhas é um S imenso de solidariedade, entende? e não pretendemos substituir nenhum movimento social.

GM: Entendo. É um complemento, uma ajuda pra mobilizar mais ainda.

LM: Exato.

GM: Eu tinha umas perguntas também, aí você vê se cabe a você responder ou não, que eram mais sobre um processo pessoal do bordado. Considerando como foi a sua história com o bordado você vê se responde ou não. Como você vivencia a prática do bordado?

LM: Hoje eu estou vivenciando muito pouco a prática do bordado, porque inclusive o pouco que eu bordava, porque a Leda quando eu fui pra Belo Horizonte pra participar das Linhas do Horizonte, me fez bordar na marra, então eu bordo alguma coisinha né? mas aí a pandemia me pegou num momento que eu teria que fazer uma cirurgia de cataratas, então hoje eu estou bordando menos ainda, mas eu convivo permanentemente com as companheiras todas que tem essa prática do bordado. Hoje está muito bem instalado na Linhas, nós inclusive temos companheiras que desenham, a partir de um tema que nós elegemos para ser bordado em discussão pelo coletivo, você tem as companheiras que tem uma facilidade imensa de desenhar, são artistas, são artistas e que fazem os desenhos pra gente, por exemplo este. Então e ao mesmo tempo, tem as companheiras que tem uma capacidade de bordar e uma rapidez, que você fica abismada de ver, a rapidez como as coisas são bordadas, entende? Então nesse processo, há uma troca contínua, porque o bordado que é feito, é uma atividade coletiva, acho que essa é a grande diferença que o bordado que é uma atividade individual, dentro das Linhas, o bordado se torna uma prática coletiva, desde a seleção do tema que vai ser bordado, até a divisão do trabalho que é feita até chegar a panfleto a ser distribuído. Panfleto continua sendo a forma maior de comunicação que nós temos, mas nós não nos restringimos só aos panfletos, existem painéis maravilhosos bordados, nós fizemos... várias Linhas fizeram painéis sobre as etnias indígenas, que é uma exposição enorme, grande. E aí veio o novelo de linha, porque nós criamos o novelo de Linhas, que é o ponto de encontro de diversas Linhas e aí mais coletivo fica o trabalho, porque é o ponto de encontro de diversas linhas espalhadas pelo território nacional, que se juntam para bordar um tema, uma temática comum com toda a liberdade de cada um dos coletivos de se expressar da

forma que achar mais conveniente, mas que é um trabalho comum que envolve várias Linhas nesses bordados. Agora mesmos nós estamos com um bordado.... e sempre tem uma linha que assume a coordenação, então agora nós estamos bordando com a coordenação das Linhas do Rio, sobre a memória dos mortos da coronavírus, sobre essa coisa terrível que aconteceu no Brasil do desgoverno genocida e nós estamos documentando isso como memória histórica, com participação de várias linhas de norte a sul, como uma memória histórica. Um dos bordados que nós inicialmente fizemos em comum também foi um grande tapete pro Lula pra quando ele saísse da prisão e realmente ele pisou no tapete que nós bordamos do norte ao sul do país também, e que foi um trabalho coletivo. Então a forma de idealizar o trabalho e do nosso trabalho se concretizar, se baseia num sentido de coletividade, nós não somos um grupo de bordado, nós somos um coletivo, que tem na carta de princípio, no documento base uma unidade política e é em cima dessa unidade política que nós partimos para bordar panfletos, faixas, estandartes, ou os painéis dos indígenas, ou uma coberta pra Dilma ou... em fim ou algum resultado de um trabalho de dedicação dentro de uma perspectiva de que um mundo melhor é possível e que nós lutamos pela utopia.

Não sei se eu respondi a tua questão? Se uma não bordadeira respondeu, se não pergunta pra completar e eu digo se sei ou não.

GM: Acho que respondeu e respondeu muitas outras questões junto aí, é muito interessante toda a sua fala e vai me ajudar muito a encaminhar meu TCC todas essas falas, porque o que eu mais me interessa é por essa questão do coletivo né? o coletivo de bordado como um ato político, então eu acho que está respondendo e surgindo outras perguntas possíveis por aí...

Queria perguntar então essa questão de como você ou vocês dentro do coletivo expõe também esses trabalhos, esses bordados, esses panfletos... além de estar na rua tem outros lugares que vocês expõem?

LM: Primeira coisa que nós temos uma atividade variada, antes da pandemia nós quando espunhamos na rua, nós chamávamos as pessoas para bordar com a gente, então os passantes também param, sentam e acabam bordando junto conosco. A partir

daí surgiu a ideia das oficinas de bordado, e fizemos algumas oficinas muito interessantes. Fizemos uma oficina numa ocupação do MT do Movimento do MTST dos Trabalhadores Sem Teto, fizemos uma oficina no... foi a primeira que nós fizemos assim de bordar e outras que as pessoas chegavam e bordavam, que foi no Armazém do Campo, no Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, essa foi a primeira oficina que nós fizemos. Então diversas oficinas, fizemos uma oficina maravilhosa pela luta antimanicomial, junto com a Fiocruz que vai resultar num vídeo, em que as Linhas do Rio, as Linhas de São Paulo e as Linhas do Horizonte foram para o Rio, em Manguinhos lá na Fiocruz... (...) então nós fizemos as três Linhas uma oficina e uma exposição em Manguinhos que a gente faz exposições também, essa foi uma exposição de um material produzido por nós a pedido da Fiocruz de Brasília e pela TV Pínel na luta a favor da liberdade aos pacientes, a não internação, ao não isolamento dos pacientes com problemas mentais, o direito a casa o direito à liberdade, porque a liberdade é terapêutica, toda vez que você é oprimido, preso, recolhido, você pode chegar a loucura, então a liberdade é terapêutica. Foi muito lindo esse trabalho com a Fiocruz, acabamos montando um curso de bordado com as outras companheiras, montaram junto ao Sesc aqui em São Paulo, de uma oficina de trabalho virtual já em época de pandemia, com várias seções em que a gente discutia bordado e questões sociais com as participantes do curso, inscritas no curso de Sesc, promovido pelo Sesc. Nesse momento, as companheiras, os companheiros de duas ocupações, do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, estão querendo fazer oficina porque lá atrás foi a primeira oficina que nós fizemos e foi dentro de uma ocupação. Infelizmente ainda nós não tivemos condições de fazer essa oficina virtual, por dificuldade de acesso dos Movimentos da tecnologia de ter numa ocupação com umas 2 mil pessoas e que a necessidade primordial é de abrigar e recolher as famílias que chegam para a ocupação, nós não tivemos ainda condições de realizar, mas é pra bordar junto com elas, com eles a faixa que identifique essa ocupação, uma das ocupações é a Nova Canudos e a é a da Carolina de Jesus, uma homenagem a Carolina de Jesus. E seria muito gratificante criarmos condições de bordar a faixa, o estandarte dessas novas ocupações em tempos de pandemia.

GM: Sim seria muito interessante se conseguissem sim. Bom não vou comentar muito porque porque está com pouco tempo agora, não quero perder a possibilidade de

que você me conte mais um pouco, então para ir meio que finalizando também, queria saber então como vocês trabalham em vários coletivos, quantos coletivos ao todo vocês... se saberia dizer mais ou menos e... no Brasil que se juntam... quantas Linhas?

LM: São muitas as Linhas, são muitas, varia de 10 a 15 dependendo do momento. Em São Paulo além do Linhas de Sampa, nós temos Linhas de Santos, nós estamos entrando para o interior e pelo litoral, então nós temos Linhas de Sampa que é na cidade de São Paulo, Linhas de Santos que é na cidade de Santos, Linhas do Mar que é no litoral norte em Caraguatatuba, Linhas do Itapeti que é na região do Mogi das Cruzes, onde fica a nascente Itapeti é onde está a nascente do rio Tietê, por isso as companheiras escolheram esse nome. Isso só em São Paulo e agora estamos montando outras, são chamadas, fazem contato conosco e as companheiras se distribuem se organizam para colaborar na montagem desses novos coletivos. E além dos coletivos das Linhas quando o trabalho é do novelo de linhas, normalmente a gente convida outros coletivos de mulheres que não são Linhas e que alguns antecedem a nosso trabalho, que já bordavam, a participarem conosco desses bordados coletivos que a gente faz.

GM: Bom agradecendo novamente, acho que respondeu a maioria das minhas perguntas e ainda outras mais que nem tinha pensado... não sei se poderia falar um pouquinho mais sobre essa questão da dimensão política do bordado e se vocês vem como uma forma de resistência, que essa era uma outra pergunta importante que eu tinha, que você já comentou, mas só pra deixar registrado... Você enxerga o bordado com uma dimensão política, vê como uma forma de resistência?

LM: Bom, a nossa atuação desde a criação das Linhas do Horizonte em Minas, é uma forma de resistência, nós somos duas coisas, nós somos rebeldes e resistentes, essas são duas marcas bem claras, é um sentido de rebeldia, de não sujeição ao status cos e uma atuação de resistência ao tentarmos apoiar, ser solidários, com os movimentos de lutas sociais. Então quando eu digo que a palavra solidariedade está impressa nos corações das Linhas é nesse sentido, entende? somos solidários na resistência, não somos caridosas, não, vemos quem está... temos dentro das Linhas pessoas de várias

origens sociais, mas temos quem está na luta, no embate constante, um interlocutor que tem a mesma cara, os mesmos olhos e a mesma boca pra falar e pra gritar um grande não às injustiças sociais. Então apoio ao movimento indígena, apoio ao movimento Negro, apoio ao movimento das mulheres, apoio na luta por reforma agrária, apoio a luta de direito a moradia, fazem parte de nosso vocabulário constante de resistir e lutar.

Aktion P. ist gebildet
aus den Elementen A und B

॥ श्रीगणेशाय नमः ॥

10-12-1968